

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ERICK DA SILVA PORTO

**“QUER ACENDER UMA VELA A DEUS E OUTRA AO DIABO”**  
AS (NÃO) MUDANÇAS DISCURSIVAS DO INTEGRALISTA LUIZ A. COMPAGNONI -  
JORNAL PIONEIRO 1948-1950

CAXIAS DO SUL  
2021

ERICK DA SILVA PORTO

**“QUER ACENDER UMA VELA A DEUS E OUTRA AO DIABO”**  
AS (NÃO) MUDANÇAS DISCURSIVAS DO INTEGRALISTA LUIZ A. COMPAGNONI -  
JORNAL PIONEIRO 1948-1950

Trabalho de Conclusão de Curso II  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do Título de Graduado em  
Licenciatura em História na Universidade de  
Caxias do Sul.

Área do conhecimento de Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliana Gasparini  
Xerri.

CAXIAS DO SUL  
2021

Erick da Silva Porto

**“QUER ACENDER UMA VELA A DEUS E OUTRA AO DIABO”**  
AS (NÃO) MUDANÇAS DISCURSIVAS DO INTEGRALISTA LUIZ A. COMPAGNONI -  
JORNAL PIONEIRO 1948-1950

Relatório final, apresentado à Universidade de  
Caxias do Sul, como parte das exigências para  
obtenção do título de Licenciado em História.  
Caxias do Sul, 15 de Março de 2021.

Banca examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Gasparini Xerri  
Universidade de Caxias do Sul

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Katani Maria Monteiro Ruffato  
Universidade de Caxias do Sul

À minha Mãe, à Michele, aos amigos e professores de hoje e de ontem. Mesmo que o mundo não mereça, vocês fazem dele um lugar melhor e eu serei eternamente grato por isso.

## AGRADECIMENTOS

Passados, possivelmente, mais tempo do que deveria, encerra-se um importante ciclo da vida. Entre 2015 e 2021 foram golpes, eleições, desânimo e euforia. Mas principalmente muito aprendizado.

Agradeço, antes de qualquer coisa, à minha mãe, sem ela nada seria possível. Obrigado pelo apoio, por não me deixar desistir e por, mesmo sem entender a importância disso tudo, seguir ao meu lado. Esse resultado é mais teu do que meu.

Obrigado, Michele, por me fazer acreditar um pouco mais no mundo e me puxar para o chão, mesmo me fazendo voar.

Obrigado Vagner, Deivid, Alessandra, Mateus Castilhos, Jean, Matheus Bahu, Ramona, Karine, Carol, Pâmela, Nicole e outros que não foram esquecidos, apenas não citados. O apoio de vocês me fez seguir e chegar onde estou, sem vocês tudo seria muito mais difícil.

Professoras Cristine, Eliana Rela, Eliane, Katani, Grasi; Professores Ramon, Anthony, Roberto; Angela, Dai e Cris; Para todos vocês, espero que esse trabalho seja um retorno por tudo que vocês fizeram por mim, mesmo que não saibam. Sempre serei grato por tudo que me proporcionaram e por me darem novos motivos para lutar por um lugar melhor.

Eliana Xerri, obrigado por ser uma pessoa tão incrível e por me permitir aprender tanto contigo. Espero um dia poder retribuir tudo que tu significa para mim.

Obrigado ProUni, principalmente frente ao desmonte que somos obrigados a presenciar, não fosse o auxílio de governos populares, minha família seguiria sem ter alguém com Ensino Superior.

Esse trabalho é um agradecimento a todos que acreditam e lutam por um mundo melhor.

“São grandes empresas, propriedade de venturosos donos, destinados a lhes dar o domínio sobre as massas, em cuja linguagem falam, e à cuja inferioridade mental vão ao encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para os seus atrozes lucros burgueses.”  
Lima Barreto, Recordações do Escrivão Isaías Caminha.

## RESUMO

A necessidade de aprofundamento nos estudos sobre os movimentos conservadores e autoritários nacionais se mostra cada vez mais presente, além de trazer respostas e outras tantas perguntas sobre o presente que vivenciamos no momento de escrita deste trabalho. A pesquisa analisa as transformações discursivas nos escritos de Luís Alexandre Compagnoni, publicadas no jornal *O Pioneiro*, entre os anos 1948 e 1950. O personagem em questão foi membro da Ação Integralista Brasileira na década de 1930 e, em 1948, foi um dos principais fundadores do jornal analisado no trabalho. Através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001), atentamos para a constituição e para as possíveis mudanças no discurso empregado pelo autor nos primeiros anos de circulação do impresso. A análise das mudanças e permanências discursivas é feita através da comparação entre os escritos de Compagnoni na década de 1930 e o que escreveu em fins da década de 1940 e início da de 1950.

Palavras-chave: Integralismo, Imprensa, Caxias do Sul, Análise de Discurso Crítica, Análise de Conteúdo.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ABC - Associação Brasileira de Cultura  
ADC - Análise de discurso crítica  
AIB - Ação Integralista Brasileira  
IPASE - Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado  
PCB - Partido Comunista Brasileiro  
PL - Partido Liberal  
PRP - Partido de Representação Popular  
PSD - Partido Social Democrático  
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro  
RBS - Rede Brasil Sul  
RS - Rio Grande do Sul  
SEP - Sociedade de Estudos Políticos  
SET - Serviço de Expansão do Trigo  
SJR - *Sigma Jornaes Reunidos*  
UC - Unidade de contexto  
UCS - Universidade de Caxias do Sul  
UDN - União Democrática Nacional  
UR - Unidade de registro

## LISTA DE IMAGENS

- 1- Capa do Jornal *O Bandeirante* de 1935.
- 2- Fotografia e homenagem de Luís Alexandre Compagnoni, no *Pioneiro*, em 1949.
- 3- Fotografia de Plínio Salgado em evento de Caxias do Sul, no ano de 1950.
- 4- Capa do Jornal *O Bandeirante* de 1937.
- 5- Capa do Jornal *A Offensiva* do ano de 1936
- 6- Edição do *Pioneiro* de 1950 com chamadas feitas em caixa alta.
- 7- Capa do Jornal *A Offensiva* do ano de 1936.

## SUMÁRIO

Resumo.....	6
Lista de Siglas e Abreviações.....	7
Lista de Imagens.....	8
Introdução.....	10
1. A prensa: Aportes teórico-metodológicos.....	12
2. O papel: Referencial bibliográfico.....	17
3. A tinta.....	20
3.1 O tempo e o espaço da circulação: os paradoxos da (não) mudança.....	20
3.2 O articulista: Luis Alexandre Compagnoni.....	23
3.3 O impresso: jornal <i>Pioneiro</i> .....	29
3.4 O <i>clipping</i> : parâmetros de Compagnoni na década de 1930.....	31
3.5 No prelo: Compagnoni no jornal <i>Pioneiro</i> .....	40
Considerações finais.....	54
4. Referências.....	58
5. Anexos.....	59

## INTRODUÇÃO

Matriculado nas primeiras disciplinas do curso de Licenciatura em História no ano de 2015, graças principalmente ao Programa Universidade para Todos (ProUni), o aluno que entrava na graduação neste período era o primeiro da família a ter acesso ao ensino superior. Fruto de um contexto onde, embora críticas sejam feitas, os avanços são inegáveis. Uma parte significativa da sociedade que durante muito tempo se viu desassistida, o Brasil profundo - não só regionalmente, mas principalmente socialmente - via que os investimentos eram crescentes em diversas áreas e coisas até pouco tempo inacessíveis, já eram um horizonte possível para milhares de brasileiras e brasileiros.

A conclusão da Graduação, no entanto, acontece em situação bastante contrastante. Os investimentos que democratizaram diversas vivências no país, tornam-se cada vez mais raros, os calouros universitários reduzem a cada semestre e o acesso ao ProUni é mínimo. Não bastando o retrocesso relacionado às condições socioeconômicas de vida, o momento em que escrevo o trabalho vê o retorno de discursos e atuações autoritárias que, apesar de nunca terem deixado de existir, se limitavam aos porões de onde nunca deveriam sair. O que levou ao retorno escancarado é pauta de discussão que não abordaremos, mas necessário citar que os questionamentos trazidos para um jovem historiador, sobre de onde vem e o que permite a aceitação deste comportamento autoritário e conservador por parte significativa da sociedade, são bastante motivadores desta pesquisa.

O trabalho analisa as transformações discursivas nos escritos de Luís Alexandre Compagnoni, presentes no jornal *O Pioneiro*, entre os anos 1948 e 1950. O personagem em questão foi membro da Ação Integralista Brasileira (AIB) na década de 1930 e, em 1948, foi o fundador do jornal analisado no trabalho. Através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e da Análise de Discurso Crítica (ADC) (FAIRCLOUGH, 2001), atentamos para a constituição e para as possíveis mudanças no discurso empregado pelo autor nos primeiros anos de circulação do impresso. A análise das mudanças e permanências discursivas é feita através da comparação entre os escritos de Compagnoni na década de 1930 e o que escreveu em fins da década de 1940 e início da de 1950, comparação importante visto que os contextos eram bastante diversos e, embora passados mais de 70 anos, se fazem perceptíveis as permanências e a defesa de ideias bastante excludentes e conservadoras.

Esta monografia é um estudo exploratório que utiliza tanto métodos quantitativos quanto qualitativos, além das pesquisas bibliográfica e documental para a coleta de dados referentes à temática. Após definição do tema e problemática da pesquisa e o levantamento

bibliográfico sobre o Integralismo, imprensa e discurso, definimos o recorte temporal a ser utilizado e quais seriam os recortes feitos para a utilização do material encontrado.

Dividido em três capítulos, o primeiro - A Prensa<sup>1</sup> - apresenta o embasamento teórico e a metodologia utilizadas na construção do trabalho. O segundo - O Papel<sup>2</sup> - traz o levantamento bibliográfico feito para a pesquisa e aprofunda algumas questões conceituais importantes para a compreensão acerca dos critérios e escolhas que a nortearam. O terceiro capítulo - A Tinta<sup>3</sup> - é dedicado ao desenvolvimento da pesquisa e das análises feitas sobre o material analisado. Seus subtítulos dão atenção ao período e contexto de circulação do impresso analisado; ao personagem pesquisado e à sua formação política; às especificidades do jornal *O Pioneiro*; aos escritos de Compagnoni quando ainda membro da AIB; e, ainda, à análise dos artigos escritos por Luís Alexandre Compagnoni após a fundação do impresso em 1948. Por fim são feitas as considerações que não concluem o tema, mas que permitem novas abordagens.

A escolha de trabalhar com a ADC foi feita a partir da necessidade de analisar não só o conteúdo que era trazido no jornal, mas também a intencionalidade, a intertextualidade, as informações que estavam contidas nos escritos, mas não necessariamente expressas em sua superfície. Adentrar nos meandros da composição discursiva do que está expresso nos artigos analisados, permite que percebamos a mobilização feita pelo autor de assuntos específicos e caros ao movimento integralista, em um período de profunda reestruturação do movimento.

A opção por utilizar Luís Alexandre Compagnoni como personagem surgiu no andamento da pesquisa iniciada como bolsista voluntário do Projeto Historiar e Dialogar: curso de História - UCS, Educação e Imprensa, desenvolvido em conjunto com o Programa de Pós Graduação em História - UCS. Além de ser pouco citado nas produções historiográficas, mesmo sendo um personagem relevante para o movimento integralista - vale frisar que no ano de 1958 foi um dos autores de uma das edições da Enciclopédia Integralista<sup>4</sup> e fez parte da retomada de um importante impresso para o movimento integralista após o golpe de 1964<sup>5</sup> - nem sempre é lembrado como fundador do jornal *O Pioneiro*. Talvez não ser visto como fundador do impresso tenha sido, inclusive, uma escolha do próprio Compagnoni, já que nas

---

<sup>1</sup> O título se refere ao dispositivo utilizado para a impressão dos impressos no período, dispositivo que daria forma aos jornais. Com alguma liberdade poética, utilizo o conceito para me referir aos aportes teórico-metodológicos utilizados para pesquisa, visto que o capítulo versa sobre o assunto.

<sup>2</sup> Com a mesma liberdade da nota anterior, utilizo este título para me referir ao material bibliográfico que permitiu o desenvolvimento (impressão) do trabalho que se segue.

<sup>3</sup> Com o título, refiro-me ao material impresso no trabalho, nos resultados da pesquisa em si.

<sup>4</sup> Conjunto de publicações feitas para a comemoração dos 25 anos do lançamento do Manifesto de Outubro e que versava sobre diversos aspectos do movimento integralista. Cf. Christofoletti, 2010.

<sup>5</sup> Jornal *A Marcha*, retoma suas publicações em Outubro de 1964. Cf. Christofoletti, 2010

primeiras edições nada se fala sobre seus fundadores, somente nas comemorações do ano seguinte, em função de continuarem em atividade, nesse momento é que o personagem é mencionado como o principal responsável pela fundação.

Além da ligação de Compagnoni com o Integralismo, o fato de o jornal fundado por ele ainda continuar em circulação, nos levou a ponderar o desenvolvimento inicial do impresso e refletir como esse jornal local atuava na propagação de ideias conservadoras e, muitas vezes, autoritárias no período analisado.

## 1. A PRENSA: APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Pensando que os acontecimentos contemporâneos despertam interesses e curiosidades referentes ao passado, ter vivenciado o desenvolvimento de um país através de políticas públicas mais democráticas e que visavam a inserção de partes até então abandonadas da sociedade - claro que não sem muita mobilização popular e de movimentos sociais que lutam por maiores e melhores direitos - e, em um curto período de tempo, acompanhar o desmonte drástico de boa parte deste aparato Estatal que estava sendo construído, foram movimentos imperativos para o direcionamento da pesquisa.

Acompanhar o andamento de um governo que se propunha popular, mesmo em conciliação com as mais altas elites - políticas e econômicas - brasileiras, a redução da pobreza extrema e a retirada do país do mapa da fome; a eleição da primeira presidenta no Brasil, seguida de um impeachment forjado, que levou a um governo golpista que se mantém a partir do “acordo com o Supremo, com tudo”, afinal, era “mais fácil botar o Michel”<sup>6</sup>; e que, ao fim, acaba desaguando na eleição de um candidato despreparado politicamente e propenso em destruir todo e qualquer pilar que sustenta a frágil e recente democracia brasileira, traçou o caminho para a História Política.

Motivados por questionamentos direcionados à área da História Política, mesmo após o descrédito por ela sofrida e, principalmente graças à expansão dos problemas, fontes e objetos de pesquisa propostos pela terceira geração dos *Annales*, fazemos uso das propostas de René Rémond para o aprofundamento da área. Para o autor, esse novo olhar à política permitiu vencer a história que se voltava somente aos grandes nomes, datas e acontecimentos. Não que deixassem de ter importância - o golpe de 18 de Brumário, a tomada da Bastilha em 1789 e tantos outros seguem sendo marcos importantes - mas graças ao repensar da área, como um todo, percebe-se que o político “liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços,

---

<sup>6</sup> Trechos retirados de diálogos interceptados entre Romero Jucá e Sérgio Machado. CF. PAÍS, El. "**A solução mais fácil era botar o Michel**". 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275\\_603687.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html). Acesso em: 17 dez. 2020.

a todos os outros aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social.” (RÉMOND, 1996, p. 35-36).

Assim, associado à História Política, o conceito de ideologia também se faz mister para o desenvolvimento de nossa pesquisa e, entendê-lo no cerne do integralismo, permite uma melhor compreensão da estruturação daquele movimento. Segundo EAGLETON (1997, p. 12-13) “O que induz homens e mulheres a confundir-se, de tempos em tempos, com deuses e vermes é a ideologia. Pode-se entender perfeitamente bem como os seres humanos são capazes de lutar e matar por razões materiais (...) é em razão das ideias que homens e mulheres vivem e, às vezes, morrem.” ou seja, compreender as ideias que formulam e movem, que constróem esse mundo e sua interpretação feita pelos integralistas, auxilia na reflexão da atuação deste movimento.

O objeto de pesquisa aborda o pensamento e discurso integralistas, que são profundamente influenciados pelo contexto desde a década de 1920, quando as articulações das elites brasileiras desencadearam propostas para os novos rumos do país. Nesse contexto, enquanto a estrutura oligárquica da república brasileira colapsava, o aprofundamento das disputas entre diferentes projetos ideológicos se fazia presente - nazifascismo europeu em evolução e o projeto pós Revolução Bolchevique de 1917, por exemplo. Isto posto, “as ideologias, para serem verdadeiramente eficazes, devem dar algum sentido, por menor que seja, à experiência das pessoas” (EAGLETON, 1997, p. 26) e entender o pano de fundo que produz esta ideologia e que, muitas vezes exige modificações - pelo menos discursivas - no integralismo em período posterior, é importante. Entendemos assim, que “a ideologia não é um mero conjunto de doutrinas abstratas, mas a matéria da qual cada um de nós é feito, o elemento que constitui nossa própria identidade” onde “o particular concreto e a verdade universal deslizam sem parar para dentro e para fora um do outro, evitando a mediação da análise racional” (EAGLETON, 1997, p. 31).

Fruto de contexto bastante específico, a ideologia integralista é gestada por Plínio Salgado a partir de editoriais escritos no periódico *A Razão*<sup>7</sup>. Passo posterior às publicações no jornal foi a fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), onde Salgado reuniu diversos intelectuais para debater problemas nacionais e que, desde então, tinha princípios bastante próximos aos da Ação Integralista Brasileira que seria lançada oficialmente em outubro de 1932.

Entendemos a ideologia integralista como base de um movimento que teve papel efetivo na luta de classes no Brasil (Calil, 2005) e que se organizou fortemente influenciado

---

<sup>7</sup> Cf. Oliveira (2009).

pelos movimentos nazifascistas europeus. De base na classe média - principalmente urbana, mas não exclusivamente, visto que obteve forte entrada nas regiões coloniais<sup>8</sup> tanto alemãs quanto italianas - teve grande recepção nas classes pequeno-burguesas e burguesas nacionais. Acreditamos, ainda, ser errôneo tratar o integralismo como mero reflexo dos movimentos da Europa, afinal, mesmo com influências declaradas pelo próprio chefe integralista, o movimento era calcado em especificidades sociais, econômicas e culturais do país em que nasceu. Portanto

reafirmamos a qualificação do movimento integralista como fascista, ainda que não reduzido a mero mimetismo. Foi ele, sem dúvidas, um movimento essencialmente contra-revolucionário, a despeito de eventuais proclamações anticapitalistas, estruturado como movimento de massas com uma organização interna centralizada e autoritária, com uma ideologia fortemente anticomunista, antiliberal e ultranacionalista e voltado à construção de uma nova estrutura política abertamente ditatorial. (CALIL, 2005, p. 169)

Consequentemente, ao entender o integralismo como uma força fascista e contra-revolucionária, mesmo que discursivamente se posicionasse em contrário, utilizaremos de impressos jornalísticos para uma melhor compreensão do movimento. Importante frisar que o uso de jornais pelos integralistas foi uma tônica desde os primeiros anos da sua fundação, tanto como ferramenta de divulgação para possíveis novos adeptos, como para a doutrinação dos já integrantes do Sigma<sup>9</sup>.

O uso de impressos jornalísticos como fonte para a pesquisa demanda de algumas especificidades. Após um profundo descrédito no uso desses, por serem entendidos como não confiáveis, como produzidos com intencionalidades específicas, vemos um reacender da atenção para estas fontes principalmente a partir das produções da terceira geração dos *Annales*, como ocorreu com a História Política, e sua abertura para novos campos, objetos e fontes, assim como o aprofundar da interdisciplinaridade feita por esta geração. A abertura do campo historiográfico para novas abordagens, junto com os empréstimos de outras áreas do conhecimento - estatística, linguística, sociologia, antropologia - permitiram um novo olhar para estas fontes antes esquecidas.

Entendemos que o uso de jornais para a produção de pesquisa e análise, como a que nos propomos, demanda uma leitura diferente da que é feita quando com a intenção de se informar meramente. O uso destas fontes obedece a uma leitura aprofundada, de forma que venha a proporcionar maior compreensão de seu contexto de produção, posicionamentos

---

<sup>8</sup> GERTZ, René Ermaini. **O fascismo no Sul do Brasil**: germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

<sup>9</sup> Letra grega que se tornou o símbolo do Integralismo, utilizada na matemática como soma, condensação, o “Σ” trazia a ideia de totalidade, de tornar-se integral, tão cara para o movimento.

estruturais e intencionalidades de publicação. Nas palavras de Le Goff “É preciso desestruturar o documento para entrever suas condições de produção. Quem detinha, em dada sociedade do passado, a produção de testemunhos que, voluntária ou involuntariamente, tornaram-se documentos da história?” (apud BARROS, 2013).

Além da leitura intensiva, optamos por empregar a Análise de Conteúdo teorizada por Laurence Bardin (2011) no tratamento primário de nossas fontes. Bardin divide a análise dos materiais em 3 fases, sendo elas: 1- pré-análise: em nosso caso, a seleção do personagem e a procura das notícias/reportagens/notas do e sobre o mesmo; 2- exploração do material: em nossa pesquisa, a criação das tabelas e sistematização das informações; e 3- tratamento dos resultados: em nossa análise, a produção do trabalho com os resultados obtidos durante a pesquisa.

Ao fim da fase de exploração e pré-análise, definimos a hipótese de que o discurso integralista permanecia no jornal *Pioneiro*, mesmo após a extinção da Ação Integralista Brasileira e, a partir disso, surgiu o objetivo de identificar o discurso integralista contido no impresso, através de Luís Alexandre Compagnoni.

Durante a exploração do material, definimos os parâmetros que usamos para a codificação das fontes a serem analisadas. O método que utilizamos demanda da definição de Unidades de Registro (UR), essas com a função de serem o “segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” onde “executam-se certos recortes a nível semântico, por exemplo, o "tema", enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a "palavra" ou a "frase”” (BARDIN, 2011, p. 134). Além da definição de Unidade de Contexto (UC) que “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (BARDIN, 2011, p. 137) ou seja, as UC permitem a compreensão das mensagens e das intencionalidades destas, em um contexto mais amplo onde estão veiculadas. Neste sentido, não se limitando somente a frases onde as UR se encontram e sim ao contexto geral onde se inserem.

A partir da leitura flutuante e da recorrência dos assuntos e conceitos utilizados, as UR definidas foram as seguintes:

- 1- Colonização, agricultura, imigração, vitivinicultura;
- 2- Decadência nacional, críticas à modernidade, corrupção do Brasil;
- 3- Igreja, religiosidade;
- 4- Integralismo, PRP;

- 5- Eventos sociais;
- 6- Anticomunismo;
- 7- Variados.

Lembramos que não raro, em nossa codificação, alguns dos materiais analisados se encaixavam em mais de uma das UR, bem como outras estavam sempre relacionadas entre si, como especificamente o caso da UR-1. A partir desta primeira organização e tabelamento das fontes (Anexo 1), nos foi possível a filtragem e seleção do material que seria utilizado para o desenvolvimento do passo posterior da pesquisa, explicado a seguir.

Aliada a Análise de Conteúdo de Bardin e por entendermos que a mera análise do conteúdo trazido pelo impresso não traria a dimensão necessária para a pesquisa que nos propomos a fazer, utilizamos a Análise de Discurso Crítica teorizada por Norman Fairclough (2001). Entendemos, assim, o discurso como uma prática social, não mero instrumento utilizado por quem os emprega. Ou seja, pensamos o discurso como algo que constitui a sociedade enquanto é constituído por esta mesma, frente às realidades materiais que circula e atua.

Célia M. Magalhães, sobre o discurso e o entendimento deste a partir de Fairclough:

Estabelece-se uma relação dialética entre o discurso e estrutura social: discurso é uma prática tanto de representação quanto de significação do mundo, constituindo e ajudando a construir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças (2001, p. 17)

Neste sentido, procuramos entender a produção desta significação de mundo que o jornal tenta<sup>10</sup> produzir através de suas publicações, visto que o mesmo está inserido em uma rede de relações que interfere no conteúdo impresso em suas páginas.

Por ser um método interdisciplinar e transdisciplinar, Fairclough faz uso de conceitos de diversos outros autores que pensaram anteriormente na análise de discurso. De Marx e Engels, passando por Bakhtin e Gramsci e chegando a Foucault, entendemos que o uso da ADC traz um conjunto metodológico que enriquece a análise que faremos das fontes utilizadas, principalmente em função de que o conteúdo trazido no jornal está imbricado em relações ideológicas e sociais específicas do período e que serão melhor compreendidas com o aprofundamento que a ADC nos permite. Fairclough entende o discurso como a linguagem utilizada na prática, socialmente e historicamente localizada, com profundas influências ideológicas e em relação dialética na construção da sociedade. Neste sentido “Não há,

---

<sup>10</sup> Neste caso específico, utilizamos “tentar” em função de não ser a proposta de nossa pesquisa analisar a recepção tida destas construções produzidas pelo jornal. Ademais, acreditamos ser complicada a análise desta recepção, afinal como pensar em um “leitor médio” deste material sem levar em conta as possíveis especificidades encontradas dentre os leitores do jornal em questão?

portanto, uma relação externa entre linguagem e sociedade” (FAIRCLOUGH, 1989 apud RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 25), por isto vemos a necessidade em analisar estes discursos produzidos através e a partir d’*O Pioneiro*.

Desta forma, utilizaremos do tabelamento e do entrelaçamento entre as UC e UR para a localização e organização de nossas fontes e, posteriormente, da Análise de Discurso Crítica, auxiliados por outras fontes que nos permitiram colocar as reportagens em seus contextos históricos - municipal, regional e nacional - para desenvolvermos a seguinte pesquisa.

## 2. O PAPEL: REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil* (1999)<sup>11</sup> define a grande imprensa como aquela que começa a circular no fim do século XIX e início do XX, influenciado por movimentos de outros países, e que passava a transformar as relações entre a sociedade e a mídia impressa. Essa nova imprensa se distanciava aos poucos das articulações partidárias e passava a dar mais espaço para publicações que não serviam mais aos desejos políticos de grupos e partidos específicos - pelo menos não mais de forma escancarada - tratando as notícias e reportagens como produtos a serem comercializados pelos jornais. Segundo o autor, essa grande imprensa em formação “Pretendia, naturalmente, fazer opinião, pesar, influir, embora esclarecesse que ‘o jornal não é político, nem faz política, tomando o vocábulo na acepção que o uso, entre nós, lhe atribuiu” (SODRÉ, 1999, p. 257). Pontuamos que o jornal ou a mídia - em termos mais gerais - não perde sua ligação política nem deixa de se posicionar em favor de grupos e em detrimento de outros, mas essas ligações não são mais a base e principal motivador dessas publicações.

No fim do século XIX a imprensa artesanal aos poucos ia ficando restrita aos pequenos centros urbanos, bem como cada vez mais uma lembrança, vendo aos poucos estes espaços sendo ocupados por uma imprensa cada vez mais estruturada em formato industrial e correspondente à sociedade burguesa que se estabelecia no país (SODRÉ, 1999). Demarcado esse panorama mais amplo das transformações pelo qual a mídia impressa estava passando, necessário pensar que o *Pioneiro* foi fundado em fins da primeira metade do século XX, localizando-se assim nesta transição da imprensa mais ligada a partidos - como neste caso específico, por grupo ligado ao Partido de Representação Popular - para a grande imprensa. Certamente o fato de Caxias do Sul, apesar de sua importância regional, não fazer parte da

---

<sup>11</sup> Utilizaremos para o estudo a 4ª edição, publicada no ano referenciado.

região sudeste e ficar relativamente distante da capital do estado, tem influência nesta transição mais demorada entre as duas imprensas.

Outro fato trazido para demarcar a imprensa que foi se definindo a partir do fim do século XIX diz respeito ao maior espaço dedicado aos anúncios feitos por empresas e marcas nas edições impressas, se tornando uma das principais - quando não a principal - fonte de recursos para a manutenção destas. Cada vez mais voltada ao atendimento das necessidades deste público, essa fase de imprensa passa a trabalhar numa relação de oferta e demanda com seus leitores, não podendo se permitir servir puramente como panfletário de um partido, sem levar em conta a recepção que teriam de suas publicações<sup>12</sup>.

Neste sentido, localizamos *O Pioneiro* neste período de transição da imprensa brasileira. Mesmo com forte ligação política - objeto de estudo da pesquisa - desde sua primeira edição, vemos o grande espaço dado aos anúncios pagos nas páginas do impresso. Em 04 de novembro de 1948, data da primeira publicação, o jornal conta com dezesseis (16) páginas, das quais doze (12) contam com pelo menos um anúncio de empresa ou produto. Anúncios estes, variados em forma, tamanho e posicionamento na página, desde pequenos nos cantos, até grandes anúncios centralizados e em letras garrafais.

Pontuados esses aspectos gerais referentes aos impressos no Brasil e que são importantes foquemos o olhar para outra área constante em nossa pesquisa.

A partir da década de 1970<sup>13</sup> vemos um aumento nas produções acerca do pensamento autoritário brasileiro, intensificado e cada vez mais diversificado a partir dos anos 1990. Utilizando a divisão pensada por Oliveira (2010), podemos pensar os estudos sobre o integralismo em 3 fases, essas definidas a partir de seus focos de pesquisa e não tanto relacionadas ao período de produção das mesmas. Ou seja, um trabalho produzido nos anos 2000 poderia ser entendido como pertencente ao grupo que Oliveira denominou como 1ª fase, bem como outro, de 1970, pode ser encaixado no que foi denominado como 3ª fase<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> CF. SODRÉ (1999) e CRUZ; PEIXOTO (2007).

<sup>13</sup> Sem a intenção de minorar produções anteriores, encontramos já na década de 1930 trabalhos que faziam do integralismo seu objeto de estudo, produzidos, assim, bastante próximos à extinção da AIB. “*O integralismo brasileiro: história do movimento fascista no Brasil*” (1937) é tese de doutoramento de Carlos Henrique Hunsche e, no ano seguinte, Arnaldo Nicolau de Flue Gut defende a tese “*Plínio Salgado, o creador do integralismo brasileiro na literatura brasileira*” (1938), ambas defendidas em solo europeu, infelizmente não foi possível entrarmos em contato com as obras referidas. Ainda assim, optamos por iniciar nosso recorte na década de 1970 por entendermos que as produções a partir disso - principalmente Trindade (1974) e Chasin (1978) - deixaram caminhos melhor traçados para produções posteriores.

<sup>14</sup> Esse é o caso de um texto feito por Marilena Chauí em “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira” (1978), por exemplo, que traz questionamentos sobre o funcionamento ideológico e discursivo da AIB que, nesta divisão que nos propomos a utilizar, seria definido como pertencente à terceira fase.

Para o autor, o que definiria a primeira fase de estudos integralistas seria o olhar para a AIB como um “movimento de massas organizada nacionalmente” (OLIVEIRA, 2010, p. 122). Sendo assim, os estudos de Trindade<sup>15</sup>, Chasin<sup>16</sup> e Vasconcelos<sup>17</sup> seriam referentes à primeira fase, visto que analisam o movimento em sua generalidade, em suas dimensões nacionais. Necessário demarcar que é principalmente em torno da obra de Trindade que as discussões se iniciam. Com abordagens diferentes - algumas vezes até divergentes, como no debate com José Chasin - e preocupados com diferentes aspectos do movimento integralista, são os primeiros passos do que mais tarde se desenvolveria sobre o assunto. A maior parte dos autores, inclusive atualmente, volta para essas produções pioneiras no assunto para fundar sua base de pesquisa.

A segunda fase seria composta de estudos que dão atenção aos aspectos de formação e atuação do integralismo, principalmente a AIB, em nível regional, sendo a pesquisa pioneira desta fase produzida por René Gertz<sup>18</sup>. O passo dado por esta segunda fase<sup>19</sup> é bastante notável, visto que graças a ela passa-se a olhar o integralismo não mais como um movimento único, com atuação padronizada, tendo por base o funcionamento da organização no sudeste do país. Como consequência destes estudos, percebe-se um integralismo que se adequa às realidades regionais para se tornar um movimento nacional, ora mais urbano, ora mais rural, ora preocupado com pautas que atendem pequenos agricultores, ora com pautas voltadas à classe média urbana.

A fase seguinte, terceira, que abarca boa parte dos trabalhos feitos a partir de 1990, é voltada para a maior ampliação de temas e discussões sobre assuntos que não estavam em pauta até então. As pesquisas feitas por esta fase englobam as mais diversas especificidades encontradas nesse macro do integralismo, indo desde personagens que atuavam em espaços

---

<sup>15</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo**. O fascismo brasileiro da década de 30. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.

<sup>16</sup> CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Ciências Humanas Ltda, 1978.

<sup>17</sup> VASCONCELOS, Gilberto. **Ideologia Curupira**: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

<sup>18</sup> GERTZ, René. **Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul**. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controvertido. Porto Alegre: UFRGS, 1977.

<sup>19</sup> As obras de Pistorello (2001), Gertz (1987), Parente (1986), Montenegro (1986), Brandalise (1992) são alguns exemplos das pesquisas que estariam presentes nesta segunda fase.

delimitados<sup>20</sup>, até novas abordagens sobre o simbolismo e discursos<sup>21</sup>, os militantes da base - e suas memórias<sup>22</sup> -, a atuação das mulheres<sup>23</sup> integralistas.

Ainda a respeito das fases da pesquisa, alguns autores se dedicam somente ao período de existência da AIB, outros somente a partir da fundação do PRP e ainda alguns abarcando um recorte temporal maior, tendo como objeto os diversos aspectos do pensamento integralista nas diferentes formações em que o movimento esteve organizado.

Nossa pesquisa abarca a terceira fase dos estudos, se propondo a refletir sobre o discurso integralista feito por um personagem - de certa expressão no seio do movimento - através das participações deste mesmo no jornal *Pioneiro*, onde teve participação decisiva na fundação.

### 3. A TINTA

#### 3.1 TEMPO E ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO: OS PARADOXOS DA (NÃO) MUDANÇA

Passados os primeiros momentos da “abertura democrática” de 1945, fruto de pressões internas e externas, muito influenciadas pela derrota dos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial, um novo sistema se organiza de forma mais definida, em meio à disputa de diferentes projetos políticos e de sociedade, além do ganho de expressão de novos personagens na vida política<sup>24</sup>. Getúlio Vargas soube articular as relações para se manter como parte do quadro político, mesmo após o término do estado novo e de parte considerável dos

---

<sup>20</sup> TONINI, Veridiana Maria. **Uma relação de amor e ódio**: o caso Wolfran Metzler (integralismo, PRP e igreja católica, 1932-1957). 2003. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003; OLIVEIRA, Luis Gustavo de. **Soldado integralista**: a trajetória política de Jorge Lacerda da Ação Integralista Brasileira ao Partido de Representação Popular (1932-1958). 2019. 237 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019. são exemplos das referências para este tipo de pesquisa.

<sup>21</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo**: entre a relativização e o esquecimento. 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2009; CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo**: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961). 2010. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas - FGV, Rio de Janeiro, 2010, exemplificam este ponto.

<sup>22</sup> AMARAL, Giovana Marteleto do. **Doutrina remanescente**: a atualização da memória integralista nos anos 1990. 2019. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2019..

<sup>23</sup> FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. **As plinianas de Pernambuco**: o cotidiano das mulheres na Ação Integralista Brasileira (1932-1938). 2016. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

<sup>24</sup> O movimento de parte da classe trabalhadora brasileira que, ao contrário de boa parte da imprensa e da intelectualidade, pedia a permanência de Getúlio Vargas e ficou conhecido como “queremismo” é um dos exemplos deste contexto. Bastante motivados pela proteção que obtiveram a partir da criação da legislação trabalhista e da significativa melhora nas condições de vida, ainda em período do estado novo, foram às ruas para defender Vargas que estava prestes a sair (ou ser saído) do posto. Cf. FERREIRA (2019).

aparatos autoritários que o mantiveram no poder até então. Compreendido por Delgado como um “Paradoxo traduzido pela dicotomia da continuidade na transformação ou, mais precisamente, de transformações com permanências” (2019, p. 82) a conjuntura seguia basicamente influenciada pelas relações de apoio e críticas à Vargas.

As pressões externas, trazidas pelo encaminhamento que se dava os últimos momentos da Segunda Guerra Mundial, encontraram terreno propício em solo de profunda disputa pelos rumos que seriam tomados pelo país com as modificações políticas que apareciam no horizonte. Desde o início da década de 1940 os movimentos de questionamento ao estado novo já se fazem sentir, ora pautados por grupos estudantis, de trabalhadores e muitas vezes organizados a partir do Partido Comunista Brasileiro (PCB); outras vezes pautados por movimentos mais ligados às classes médias, oligarquias e elites que, mesmo desejosos pela abertura democrática, tinham em perspectiva uma democracia feita “pelo alto”, mais excludente e sem grandes transformações na estrutura social.

“Os acordos entre ‘liberais’ e autoritários viabilizaram a preservação do sistema econômico e das bases sociais da política excludente, mantendo e atualizando os principais elementos do autoritarismo estadonovista.” (CALIL, 2005, p. 23), deste modo, em detrimento das classes populares e trabalhadoras, as transformações trazidas pela dita “abertura democrática” de 1945 foram efetivadas para atender as classes dominantes do período, mas não sem enfrentar resistência de outros grupos que seguiram perseguidos pelo aparato estatal após o fim do estado novo.

Entendemos, assim, em concordância com Gilberto Calil (2005), que o período compreendido entre 1945 e 1964, apesar de ser visto por grande parte da historiografia como um período de abertura democrática, é composto por um mundo de paradoxos com mera roupagem de democracia formal, marcado profundamente pelo caráter autoritário dos períodos anteriores. Eurico Gaspar Dutra, o primeiro eleito após o fim do estado novo, manteve o feitiço da Constituição de 1946 em rédeas curtas e possibilitou a permanência da maior parte das medidas autoritárias que compunham o aparato estatal que havia sido derrubado com a queda de Vargas no ano anterior. Apoiado por grande parte da elite agrária e liberal em união com as demais oposições à Vargas e convertendo a ditadura na imagem do ex-ditador, o que permitiu fazer da eleição a democracia *per se*, Dutra “constituiu numa adaptação da política oligárquica às novas realidades da época” (CALIL, 2005, p. 88).<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> O conceito de “democracia defensiva” é utilizado neste contexto e nos ajuda a pensar nas relações articuladas a partir da Constituição de 1946 e que mantém parte considerável do aparelho repressivo estatal da Constituição de 1937. A “imposição de limites às liberdades individuais e coletivas se amparavam na associação com supostas ameaças maiores à democracia.” (CALIL, 2005, p. 96).

Dentre os paradoxos do período, o pluripartidarismo é fato notável após período que extinguiu as agremiações partidárias e que duraria até a extinção dos partidos pelo Ato Institucional nº 02 no ano de 1965<sup>26</sup>; bem como a exigência do caráter nacional na atuação destas novas agremiações, distanciando-se das organizações regionais que movia as oligarquias em períodos anteriores. Entretanto, mesmo com a abertura para estes novos partidos, a hegemonia política permaneceu ao redor de uma tríade partidária composta pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), getulista, mais próximo aos sindicatos e trabalhadores e servindo como um contraponto ao Partido Comunista Brasileiro ao oferecer uma defesa da legislação trabalhista em período democrático e que não tivesse ligado à discursos revolucionários; Partido Social Democrático (PSD), mais pragmático e conservador, recorrentemente aliado ao getulismo, mas composto por uma classe média e representantes das oligarquias estaduais (DELGADO, 2019); e pela União Democrática Nacional (UDN), de discurso liberal e profundamente antigetulista, força influente na derrubada de Vargas em 1945 e composta pelas elites nacionais, trazia constantemente discursos antidemocráticos que se radicalizaram e se moderaram a depender do contexto.

Apesar da leitura hegemônica sobre a política do período ser baseada nos três partidos citados acima, uma abordagem que diz respeito diretamente ao nosso estudo é trazida por Gilberto Calil. O autor entende que a abordagem numérica eleitoral não é o bastante para captar a inserção de partidos políticos e aplica essa leitura ao caso do Partido de Representação Popular (PRP), constantemente tido como um partido de pequeno porte e irrelevante para os pleitos eleitorais. Para Calil, o PRP diferenciava-se dos demais do período

estes partidos eram organizados a partir de interesses sociais e econômicos dominantes (...) contando com uma estrutura interna flexível e essencialmente voltada à ocupação de posições de poder no interior do aparelho do Estado, o PRP desempenhava um papel mediato, assumindo tarefas de médio e longo prazo (CALIL, 2011, 377)

Em função disso, acreditando que “não é correto dimensionar a importância da intervenção do PRP tomando por base exclusiva os resultados eleitorais por ele obtidos” (CALIL, 2011, 378), pensamos o trabalho atual como uma forma para compreender a inserção do PRP e, por consequência, do integralismo, em âmbito regional.

A divisão política entre getulistas e anti-getulistas definida após a abertura democrática de 1945, percebida em nível nacional, é também perceptível a nível estadual. PSD e PTB agrupavam diferentes grupos sociais que apoiavam Vargas; UDN e Partido

---

<sup>26</sup> Editado em 27 de outubro de 1965 pelas forças golpistas que depuseram João Goulart em 1964, dentre outros artigos de cunho autoritário, “Art. 18 - Ficam extintos os atuais Partidos Políticos e cancelados os respectivos registros”. Cf. PLANALTO. **Ato Institucional nº 02**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-02-65.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-02-65.htm). Acesso em: 16 out. 2020.

Liberal (PL) agrupavam os contrários à Vargas; enquanto PCB e PRP, mantinham posições ideológicas mais definidas que, como citado acima, mesmo não movendo grandes massas eleitorais, possuíam força eleitoral em determinadas regiões (FLACH; CARDOSO, 2007). Caxias do Sul e demais regiões da zona colonial - italiana e alemã - é um destes casos, PRP mantinha força eleitoral não desprezível para os pleitos eleitorais.

Grande expoente político nacional, a popularidade de Vargas não era menor em seu estado natal e, após início lento do PTB na eleição de 1945 - PSD foi o grande favorecido do getulismo neste ano - a década de 50 do século XX sopra ventos em favor do PTB, elegendo presidente, governador e senador, além de bancada na Câmara e na Assembléia Legislativa. O crescimento eleitoral petebista é notável durante a década de 1950, atingindo o percentual de 40% dos votos em contraposição aos 6,4% dos votos em 1945 (FLACH; CARDOSO, 2007).

Em 1954 Vargas saía da vida para entrar na história e permanecia, assim, como força influente nos rumos políticos do país. Deputados varguistas acusavam os opositores de serem responsáveis pela crise que levou ao suicídio e, no Rio Grande do Sul (RS), depredações de manifestantes levavam os opositores a culparem os apoiadores do ex presidente, mantendo viva a disputa ao entorno da imagem de Vargas.

A influência de partidos de menor expressão numérica nos pleitos pode ser notada através de coligações heterodoxas, como a combinada em 1958 entre o PTB e o PRP, trazendo bons resultados para ambos. Coligações que nos permitem deduzir, em concordância com Calil, que apesar da não grande expressão numérica, o Partido de Representação Popular mantinha relevância eleitoral para as decisões, pelo menos regionalmente, validando a importância de olhar com mais atenção para o referido partido, proposta que desenvolvemos a partir de agora.

### **3.2 O ARTICULISTA: LUIS ALEXANDRE COMPAGNONI**

Nascido em Caxias do Sul no ano de 1913, Luís Alexandre Compagnoni é o personagem condutor que utilizaremos para o presente trabalho. Sendo mais conhecido em período posterior, sobretudo a partir de sua atuação pelas causas dos agricultores da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul na Câmara Federal, como Deputado, traçamos um panorama dos primeiros passos da formação política pública de Compagnoni na região, através da atuação deste em jornais e publicações afins. O recorte temporal a que nos propomos diz respeito ao período da fundação do Jornal *Pioneiro*, em 1948, e, portanto período da filiação deste no PRP. Entretanto, faz-se necessário voltar ao Brasil da década de 1930 para uma melhor compreensão da atuação deste personagem.

Aos sete dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e trinta e dois, no Teatro Municipal de São Paulo, era lançado por Plínio Salgado, o manifesto que se tornaria um marco para a História do pensamento autoritário brasileiro. Sintetizada na tríade *Deus, Pátria e Família* nascia a Ação Integralista Brasileira (AIB), gestada pelo menos desde a atuação de Plínio Salgado no Jornal *A Razão*<sup>27</sup> e influenciado por diversos outros autores<sup>28</sup> e personagens que têm seu lugar no pensamento conservador e/ou autoritário nacional e até internacional, sem esquecer a importância do Movimento Modernista para a formação intelectual de Salgado<sup>29</sup>. A partir do Manifesto de Outubro tomava forma um movimento nacionalista e profundamente motivado pelo combate ao comunismo, pensado e, principalmente centralizado, por Salgado neste período de crise do liberalismo.

Pouco tempo após a fundação, a AIB já alcançava um considerável espalhamento por todo o território nacional. Voltado para uma versão extremada da valorização nacional, combatia os partidos políticos e fazia sérias críticas aos mais diversos aspectos da modernidade - entendidos como males trazidos pelo materialismo, sendo este uma expressão tanto do liberalismo quanto do comunismo - e que estaria levando o país à decadência. Mesmo antes, mas principalmente a partir desta expansão em nível nacional, o movimento atraía os mais diversos públicos, bem como intelectuais de diferentes áreas - alguns reconhecidos já na década de 1930, outros seriam reconhecidos em período posterior. Dentre as personalidades que compuseram as fileiras do Sigma impossível não citar pelo menos outros dois que, em conjunto com Plínio Salgado, formavam a tríade do movimento e que foram de extrema importância para a definição ideológica e organizacional da AIB. Me refiro aqui a Miguel Reale<sup>30</sup> e Gustavo Barroso<sup>31</sup>.

---

<sup>27</sup> Fundado em 1931 por Alfredo Egídio de Souza, amigo de Plínio Salgado, não chegou a ter um ano de existência, mas o seu papel foi fundamental para Plínio Salgado através da coluna “Nota Política”, estabelecer as bases ideológicas da futura AIB.

<sup>28</sup> Alberto Torres, Oliveira Vianna, por exemplo.

<sup>29</sup> Para aprofundamentos específicos nesta questão, o segundo capítulo da tese de Rodrigo Santos de Oliveira (2009).

<sup>30</sup> Constantemente lembrado por suas contribuições para a Filosofia do Direito, o jovem Reale da década de 1930 - se a divisão do autor tem validade - deixou sua marca como um dos mais importantes ideólogos do movimento integralista dos tempos da AIB. Bastante crítico ao liberalismo da época, defensor do governo das elites em detrimento do sufrágio universal e importante nome para pensar o corporativismo pregado pelos militantes, Miguel Reale chega inclusive a reclamar para si a escolha do símbolo *Sigma* como representante do integralismo. Cf. CABRAL, Gustavo César Machado. A política no jovem Miguel Reale, o teórico do integralismo. Revista da Faculdade de Direito - Ufpr, Curitiba, v. 59, n. 3, p. 85-108, jul. 2014.

<sup>31</sup> Também formado em direito, tal qual Reale e grande parte dos integralistas desta fase, Barroso é considerado um dos principais ideólogos e doutrinadores do movimento, sendo empossado em 1934 como Comandante-Geral das Milícias Integralistas. Recorrente é a ligação de Gustavo Barroso com o antissemitismo dentro da AIB, não que o discurso antissemita não se fizesse presente em outros autores, mas no caso de Gustavo Barroso o fato é bastante evidente. Cf. CALDEIRA NETO (2011).

Significativo notar que, desde a configuração da tríade integralista, encontramos posicionamentos diferentes - não raro divergentes - de seus personagens e que as diferenças de interpretação do movimento iam se multiplicando conforme crescia a rede integralista. Mesmo que a “decisão final” sobre os rumos do integralismo dependesse sempre das orientações de Salgado, os debates internos desde as lideranças regionais aconteciam com certa constância, chegando inclusive a acontecer rompimentos.

Dentre as pautas trazidas pelo Sigma encontramos, além do já citado anticomunismo - que foi base para toda a formulação da ideologia integralista, calcada basicamente na contraposição do “nós X eles” - podemos citar a ideia de corporativismo que permearia toda a estruturação da sociedade. O país deveria ter um poder centralizado e hierarquizado - não por acaso no Chefe Nacional, cargo ocupado por Plínio Salgado - e baseado em uma compreensão espiritualista do mundo, bastante influenciada pela visão pregada pelas alas mais conservadoras da Igreja Católica.

Notável que esse período que entendemos como de crise do liberalismo, para alguns autores iniciada já como resultado da Primeira Grande Guerra, não se mostrou apenas nas periferias do sistema e em regiões de formação tardia do capitalismo como no Brasil. Uma Europa lidando com a resolução do conflito mundial de diferentes formas - Alemanha encontrando uma paz punitiva, o fim de impérios (Russo, Otomano) e a reorganização do Oriente Médio são exemplos - que tenta se proteger do perigo vermelho desde 1917 e encontra uma crise de nível global, como a de 1929, acaba colocando o sistema liberal em cheque e as dúvidas trazem respostas de força em diferentes países e com diferentes formas.

Regimes de força, autoritários e que também se baseavam na matriz ideológica de combate ao comunismo, se utilizaram deste mesmo contexto em países centrais e, a partir disso, serviram também como inspiração de atuação para outrem, como a própria Ação Integralista Brasileira. Optamos por não entender a AIB e o integralismo como mera cópia dos regimes nazifascistas europeus em solo brasileiro, acreditamos que as influências são bastante perceptíveis em diversos âmbitos da organização e atuação dos camisas verdes, mas em função de ocorrerem em espaços diferentes, com componentes tão variados, seria uma incorreção teórica analisá-los como espelhos um do outro.

Sua atuação, apesar de não ser encontrada legalmente durante um grande período de tempo, deixou marcas na história do Brasil. Após terem apoiado o estabelecimento do estado novo varguista, afinal a centralidade autoritária, o combate aos partidos políticos e ao comunismo que estavam presentes no discurso integralista, de certa forma, também se faziam presente em Vargas. Em 10 de novembro de 1937 a AIB teve sua extinção decretada, contudo,

diferentemente do que aconteceu com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) quando da sua extinção, a AIB se ajustou em organizações que eram permitidas pelo Estado controlado por Vargas, não encerrando suas atividades, mesmo com Plínio Salgado tendo partido para o exílio em Portugal.

Com o fim do estado novo e a abertura institucional, partidos iam se formando e abarcando as ideias políticas que haviam sido afastadas no período anterior. Neste contexto, em maio de 1945 - note-se pouco antes da eleição - é publicado por Raimundo Padilha<sup>32</sup> a “Carta aberta à nação brasileira” sendo esta uma reação “contra a obstinada e injusta campanha, sistematicamente feita no sentido de infamar aquele movimento [o integralismo], e, em consequência, todos quantos, sincera e honestamente dele participaram” (apud CHRISTOFOLETTI, 2010, p. 33), campanha esta que era mobilizada pelo combate às forças que se associassem - da forma que fosse, ideologicamente, discursivamente ou até simbolicamente aos países do Eixo. A carta foi um primeiro passo “às claras” para a rearticulação do integralismo. Após disputas internas, inclusive afastando alguns dos militantes dos tempos da formação da AIB, o Partido de Representação Popular passava a receber os integralistas em uma nova roupagem.

O PRP foi a legenda que herdou o ideário integralista, logo sendo assumido por Salgado quando retornou do exílio. Entretanto, não era uma legenda que atraísse a totalidade dos ex militantes da AIB, principalmente em função de algumas das pautas caras para o integralismo da década de 1930 terem sido abandonadas, como o antisemitismo - caro para alguns militantes, como o próprio Gustavo Barroso - e o combate aos partidos políticos; bem como outras tiveram a intensidade discursiva em suas defesas diminuídas, como o caso do corporativismo e combate ao sistema político liberal.

No entanto, o anticomunismo - a principal pauta organizativa do movimento integralista - seguia com a intensidade que teve na criação da Ação Integralista Brasileira. Ademais, bastante marcante para a compreensão do PRP deste período, é o fato de a maior parte das pautas integralistas da década anterior estarem presentes no projeto que o partido defendia, mas como nem todas se encaixavam no período dito democrático pós 1945, ficavam em *stand by* até que houvesse a possibilidade de uma defesa mais aberta de pontos caros para o integralismo. Muitos desses pontos que careciam de ficar no aguardo eram diretamente relacionados aos movimentos nazifascistas europeus - corporativismo é exemplo neste sentido - que haviam sido recentemente derrotados com o fim da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>32</sup> Segundo Rodrigo Christofolletti (2010) Padilha era “Representante do Chefe Nacional” neste período de exílio de Plínio Salgado.

Neste sentido, ao se organizar como um partido que se adequa ao sistema vigente na época, mas mantendo ainda as ideias integralistas, o movimento passa a defender uma democracia orgânica<sup>33</sup>, onde o conceito democrático, pelo menos ligado à democracia liberal, está presente só no nome. Esta ideia de defesa da democracia, necessária para que ao movimento fosse permitida fundação, é baseada em uma organização centralizada, autoritária e extremamente excludente. Importante frisar que o conceito é bastante limitado e constantemente retorna à dualidade “Nós X Eles”, onde o “nós” é baseado em preceitos cristãos e o “eles” nada mais é que uma democracia falsa em conflito com a verdadeira, conforme pontua Gilberto Calil (2005).

Feito este rápido apanhado sobre a AIB e o PRP, outro aspecto de sua organização - sua, no singular, pois me refiro ao integralismo, visto que é a matriz central tanto da AIB quanto do PRP, mesmo com a tentativa de mudança discursiva - nos é bastante importante. Desde o início da estruturação da AIB encontramos a fundação de jornais, normalmente ligados aos centros regionais, que tinham a função de divulgação da atuação e doutrinação das fileiras integralistas. Os jornais se adequaram às realidades específicas de cada região - cidades pertencentes a pólos metal mecânicos, como Caxias do Sul, voltavam seus discursos para os operários das indústrias, por exemplo - mas sempre mantendo a linha ideológica e doutrinária definida a partir do alto escalão do movimento. O integralismo foi o primeiro movimento a fazer o uso sistemático desse formato de divulgação e permitia ao militante - e também ao curioso - um acesso mais fácil, didático e amplo da doutrina integralista (Oliveira, 2009).

Estes jornais eram fundados logo que se estabelecia um novo centro de atuação integralista e, a partir de 1935, a organização de imprensa integralista avança mais um passo com a formação do *Sigma Jornaes Reunidos* (SJR). De certa forma, é a institucionalização e centralização da divulgação dos impressos nas mãos de Plínio Salgado.

A contextualização da formação do integralismo e de seu aparato de imprensa é importante para que possamos estabelecer uma matriz da atuação política de Compagnoni anteriormente ao período que analisaremos com o Jornal *Pioneiro*. Considerável, principalmente se levarmos em conta que na cidade de Caxias do Sul, no ano de 1935 era lançado *O Bandeirante*, jornal integralista que pertencia a rede SJR e que teve dentre seus

---

<sup>33</sup> Conceito utilizado pelos próprios integralistas, também denominada Democracia Cristã, faz parte da adaptação necessária que o contexto de mudança exigiu do PRP, Cf. CALIL, Gilberto. **O integralismo e a defesa de uma “democracia” autoritária e excludente.** S/d.

participantes, inclusive como diretor, Luis Alexandre Compagnoni que, anos mais tarde, seria um dos principais articuladores para a fundação do Jornal *Pioneiro*.

**Figura 1 - Capa do Jornal *O Bandeirante* do ano de 1935.**



Fonte: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 07 dez. 2020.

Note-se o símbolo integralista à esquerda, a referência ao *Sigma Jornaes Reunidos* e Luiz A. Compagnoni como gerente do impresso.

Após a passagem pelo *O Bandeirante*, Compagnoni é eleito deputado à Assembléia Constituinte do Rio Grande do Sul pelo PRP no ano de 1947, tendo seu mandato estendido até o ano de 1951 e se candidatando ao cargo de deputado federal pelo mesmo partido. Segundo os dados trazidos pelo *Pioneiro*, em se tratando dos resultados que compreendem Caxias do Sul, Farroupilha e Flores da Cunha, foi o candidato mais votado com 3949<sup>34</sup> votos, obtendo a primeira suplência. A título de comparação, o deputado eleito com menor quantidade de votos pelo estado, para o mandato que se iniciaria em 1951, foi Germano Dockhorn, eleito pelo PTB com 10.399 votos. Até o fim da legislatura em 1954, Luiz Compagnoni exerceu o mandato por três vezes ocupando a vaga de Alberto Hoffmann, também do PRP.

Em outubro de 1954 candidatou-se novamente e foi eleito pelo Rio Grande do Sul com 21.161 votos, sendo o 11º mais votado no estado, ainda pelo PRP. Mandato assumido no ano de 1955, tornou-se líder do Partido de Representação Popular e posteriormente vice-líder da maioria do PRP na Câmara Federal.

Candidato outra vez em 1958 e obtendo somente uma vaga de suplência, deixou a política institucional via eleição ao fim da legislatura no início de 1959. Já no início da década de 1960 ocupou a presidência do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE).

No ano de 1981, morador do Rio de Janeiro, faleceu Luiz Alexandre Compagnoni, deixando Mercedes Pitta Pinheiro Compagnoni - sua esposa - e cinco filhos.

<sup>34</sup> Jornal Pioneiro 14/10/1950.

Estabelecidas as bases, principalmente da atuação política, de nosso personagem, podemos seguir para a análise que nos propomos.

**Figura 2 - Homenagem feita ao fundador do *Pioneiro***



Fonte: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

O nome de Compagnoni como fundador do impresso aparece bem após o início da circulação, somente em seu primeiro aniversário, em 05 de Novembro de 1949.

### **3.3 O IMPRESSO: JORNAL *PIONEIRO***

A fonte que utilizaremos no percurso da pesquisa é o jornal *Pioneiro*<sup>35</sup> e contextualizá-lo, bem como a forma com que se deu o contato com a fonte é importante. O jornal foi fundado no ano de 1948 por “membros da antiga Ação Integralista Brasileira que se reuniram após a redemocratização sob a sigla do Partido de Representação Popular” (GIRON; POZENATO, 2004, p. 114)<sup>36</sup>, tendo sua mudança editorial e distanciamento do partido a partir do ano de 1981 e passando a compor a Rede Brasil Sul (RBS) em 1993 após ser comprado.

A pesquisa nasce no melhor dos acasos. Participante do Projeto de Pesquisa Narrativas presentes no Jornal Pioneiro (1994-2018) análise e uso no Ensino de História, utilizamos o jornal *Pioneiro* como fonte para observarmos diversos aspectos relacionados à região. Optei por rumar para a História Política, resultando nesse primeiro contato no trabalho *A fabricação*

<sup>35</sup> O jornal foi fundado como “*O Pioneiro*” em 1948, utilizou “*O Pioneiro do Sul*” a partir de 29 de julho de 1950, “*Diário do Pioneiro*” em 28 de abril de 1951 e se tornando “*Pioneiro*”, a partir de 12 de abril de 1952. Utilizaremos para se referir ao mesmo “*O Pioneiro*” e “*Pioneiro*” como sinônimos.

<sup>36</sup> Acreditamos ser importante notificar que, apesar do uso da citação, discordamos do uso do conceito “redemocratização” ao se tratar do período pós estado novo.

dos candidatos: eleições entre 1989 e 2002 e no artigo *As representações das eleições presidenciais brasileiras de 1994 e 1998 e da Emenda Constitucional n.º. 16*. Segunda pesquisa feita, parte do Projeto Historiar e Dialogar: curso de História - UCS, Educação e Imprensa, tinha como foco a História do Curso de História da Universidade de Caxias do Sul, logo, um recuo maior de tempo em relação à pesquisa anterior, resultando no trabalho *O anticomunismo e o Curso de História - UCS no Jornal Pioneiro (1960-1989)*. No trajeto percorrido para entender o contexto em que a Faculdade de Filosofia - composta pelo Curso de História - foi fundada, me deparei com notícias recorrentes de Plínio Salgado, especialmente uma foto que compunha uma destas.

**Figura 3 - Fotografia de Plínio Salgado, em evento na cidade**



Fonte: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

A partir da foto e da recorrência das referências a Plínio Salgado é que nos propomos a aprofundar a pesquisa sobre a relação entre o jornal e o movimento integralista, através de um de seus personagens. Neste sentido, nos propomos a analisar quais são as mudanças e permanências no discurso de Luís Alexandre Compagnoni, em relação ao integralismo, nos artigos publicados n' *O Pioneiro*, entre os anos de 1948 e 1950.

A escolha por Compagnoni se faz em função de: I - a alta recorrência de reportagens e artigos do ou sobre o personagem; II - o reconhecimento da importância deste mesmo por parte da alta cúpula do movimento integralista da década de 1940; III - ser um dos principais fundadores do *Jornal Pioneiro*; e IV - podermos traçar uma matriz para comparação do discurso integralista empregado por Compagnoni ainda durante a existência da AIB.

Ainda sobre o impresso, além de o entendermos como parte do contexto de transição para a grande imprensa (SODRÉ, 1999), alguns aspectos gerais de sua atuação são

perceptíveis desde sua primeira edição. Além do já citado espaço dado aos anunciantes - em doze das dezesseis páginas desta primeira edição, anúncios de empresas e produtos tanto de Caxias do Sul quanto de outras cidades e regiões - recorrente serão também as notas, reportagens e entrevistas que trazem em si aspectos religiosos, especificamente ligados à Igreja Católica. A atenção dada aos agricultores também é notável, inclusive com uma página inteira voltada ao assunto<sup>37</sup>, mesmo em se tratando de uma região de considerável desenvolvimento industrial e urbano. Comum também são as referências a outras cidades da região, não ficando o jornal preso somente à Caxias.

### **3.4 O CLIPPING: PARÂMETROS DE COMPAGNONI NA DÉCADA DE 1930**

Antes de passarmos para a análise dos anos da pesquisa e visto que trabalharemos com a comparação entre os discursos de Compagnoni ainda na AIB e depois, no PRP, após fundação do *Pioneiro*, é mister que traçemos algumas bases discursivas do integralismo da década de 1930.

Para definição destes parâmetros, faremos uso do jornal *O Bandeirante* com circulação entre os anos de 1935 e 1937<sup>38</sup> em Caxias do Sul. Jornal este que era abertamente integralista, estampando em sua capa o símbolo do movimento - o mapa nacional com um Sigma sobreposto<sup>39</sup> - e que tinha a função de divulgação e doutrinação ideológica do integralismo. O uso desta fonte não se faz ao acaso, visto que em algumas edições encontramos o nome de “Luis A. Compagnoni” como gerente do impresso, o que nos permite inferir a importância de Compagnoni frente ao movimento integralista regional.

---

<sup>37</sup> Um fato interessante de ser notado é que um dos responsáveis pela assinatura de parte da página voltada aos agricultores era Adolfo Randazzo, que havia sido diretor do *Doppolavoro* caxiense. “A *Opera Nazionale Dopolavoro* foi mais um instrumento do fascismo na tentativa de controle social dos italianos no exterior. (...) aumentando a tutela do Estado fascista sobre esses indivíduos” (MARMENTINI, 2014, p.81). Fundada em Caxias no ano de 1934 era relacionado principalmente com o teatro amador.

<sup>38</sup> Infelizmente só tivemos contato com seis edições do jornal - 26/10/1935; 15/05/1937; 17/07/1937; 24/07/1937; 31/07/1937; 18/12/1937 - poucas são as edições que sobreviveram ao tempo e, as que encontramos em acervos do município, são as mesmas digitalizadas no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Em função da pandemia causada pela Covid-19, não conseguimos acesso a acervos fora da cidade que possibilitasse encontrar edições além das que foram utilizadas.

<sup>39</sup> Cf. Imagem 1.

Figura 4 - Capa do impresso *O Bandeirante*



Fonte: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

Nesta edição de 15 de maio de 1937, Compagnoni já não era mais Gerente do jornal, mas seguia com artigos na primeira página. Importante notar que o impresso fazia parte da *Sigma Jornaes Reunidos*.

Figura 5 - Capa do Jornal *A Offensiva*,



Fonte: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

Edição de 08 de julho de 1936 onde pode-se notar a referência ao pertencimento ao conglomerado *Sigma Jornaes Reunidos*, como no caso de *O Bandeirante*. Este impresso circulava principalmente no Rio de Janeiro.

Um dos aspectos recorrentes na construção discursiva integralista é a utilização de metáforas para a construção de analogias e conceitos do que seria e como se comportaria o movimento integralista. Para Marilena Chauí, "o discurso integralista tem a peculiaridade de operar com imagens em lugar de trabalho com conceitos (...) por justaposição de imagens, por transformação de um conceito em uma imagem, e, enfim, por associação livre de imagens." (CHAUI, 1978, p. 40).

Em um artigo de capa intitulada "A sucessão municipal e a moral de uma fábula"<sup>40</sup> assinada por Compagnoni podemos observar esse aspecto. O autor faz uma crítica à democracia liberal através da exegese da "(...) fábula de Phedro intitulada < a vaca, a cabra, a ovelha e o leão >"<sup>41</sup> (sic). Na interpretação de Compagnoni, o leão que entrou em sociedade com os demais animais e os deixou sem alimento e ameaçados caso tentassem tirar sua caça, seria a representação dos liberais democratas. "Pequenos ambiciosos, bajuladores de todos os matizes, opiniões as mais diversas, os mais baixos interesses, "leões" de todas as bitolas, e de todas as procedencias, tudo se funde, ao menos na aparência, para a caçada ao poder"<sup>42</sup> (sic). A metáfora permite que o autor defina de forma clara e de fácil assimilação a dicotomia "bem X mal" utilizada pelo movimento integralista, caracterizando os personagens - liberais são os leões que traem após a caçada, por exemplo - e utilizando desta imagem construída para atacar os liberais/o liberalismo, sendo assim um dos parâmetros que definimos para a comparação diz respeito aos ataques feitos ao liberalismo.

"Os homens somos nós"<sup>43</sup> é título de outro artigo de capa assinado por Compagnoni, nesta edição já não mais como diretor do impresso. A edição é uma retomada das publicações do impresso, porém não podemos precisar o tamanho desta pausa em função de não termos acesso a todas edições. No artigo, a pausa da circulação fica bastante expressa em "O Bandeirante reapareceu em boa época. E que nunca mais cesse de circular. Ele é necessário à vida caxiense"<sup>44</sup>. Outro item que podemos incluir no parâmetro para nossa análise está expresso por nosso personagem em

Um camisa verde que passa é uma consciencia réta e pura que serve de condenação á imoralidade, á corrupção, ao vício ao egoísmo. Nós representamos muito mais que a

---

<sup>40</sup> Jornal O Bandeirante, 26/10/1935.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> Jornal O Bandeirante, 15/05/1937.

<sup>44</sup> Ibidem.

implantação de um regime político. O povo vê em nós o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia na vida moral, econômica e cultural desta e das futuras gerações<sup>45</sup> (sic)

Neste caso, para o integralismo, a única possibilidade de salvação - conceito utilizado intencionalmente, o tom espiritualista e bastante ligado ao catolicismo é recorrente nos discursos e publicações dos integrantes do Sigma - se encontra dentro dele, nenhuma outra possibilidade é viável. Além da salvação se resumir à AIB, o discurso moral é outra constante do movimento, sempre em contraposição ao estado de corrupção, desestruturação e decadência que se encontrava o país, sendo o resgate do equilíbrio uma demanda que seria suprida pelas mãos dos integralistas.

Em notas mais curtas, estas não assinadas por Compagnoni, podemos deduzir a importância que o personagem tinha para o movimento, em nível regional. Em “A marcha do integralismo no Rio Grande do Sul”<sup>46</sup> encontramos que “Realizou-se grande sessão de propaganda integralista em S. Leopoldo, falando o acadêmico Luiz Compagnoni e o chefe municipal dr. Ney Camara”<sup>47</sup> (sic), a partir desta referência, podemos inferir que como um membro importante do movimento regional (visto que seus escritos são recorrentes no jornal e já havia sido inclusive gerente do mesmo), nosso personagem tinha também a função de participar dos esforços pela expansão do integralismo no estado.

Além dos pontos já citados, retirados diretamente das edições que tivemos acesso d’*O Bandeirante*, acreditamos que outros pontos são importantes de serem definidos para o traçar deste quadro geral do discurso integralista desta época. Alguns dos que trataremos serão definidos a partir da análise de pontos chave da ideologia integralista da década de 1930, principalmente levando em conta que *O Bandeirante* fazia parte da rede SJR, nos permitindo assim utilizar outros títulos que compunham esta mesma rede para compreender a construção desse discurso nos impressos da AIB.

Segundo Oliveira, a partir de 1935 os jornais do movimento passaram a estampar o nome *Sigma Jornaes Reunidos* que, apesar da pouca informação encontrada para as pesquisas referentes ao assunto, supõe-se que “teria o objetivo de organizar e sistematizar a circulação dos periódicos integralistas.” (OLIVEIRA, 2009, p. 206). Partindo desta premissa, ao pensarmos esta estrutura como um conglomerado de mídia integralista e que ela teria a função de organizar estas publicações, utilizaremos o SJR como a central que unificaria e definiria os posicionamentos e discursos integralistas que seriam empregados nos jornais, tendo como

---

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Jornal *O Bandeirante*, 24/07/1937.

<sup>47</sup> Ibidem.

base a aprovação de Plínio Salgado sobre estes. Sendo assim, alguns dos pontos que definimos para a construção dessa matriz discursiva a ser comparada com o período posterior de análise, foram retirados de outros jornais deste conglomerado por acreditarmos que, caso tivéssemos contato com as demais edições de *O Bandeirante*, estes tópicos se fariam presentes também no jornal de Caxias do Sul.

O comunismo - dentre as possibilidades que foram utilizadas pelos integralistas para definir esta ideologia, sem qualquer critério conceitual - foi, desde a fundação da AIB, o principal contraponto utilizado para a construção da ideologia integralista. Entendemos o anticomunismo como “(...) atitude de recusa militante ao projeto comunista. Ressalte-se, comunismo entendido como a síntese marxista-leninista originadora do bolchevismo e do modelo soviético.” (MOTTA, p. 04, 2000). Encontramos assim, de forma recorrente nos jornais integralistas, o discurso anticomunista como um dos principais motivadores de suas publicações.

Em reportagem não assinada com título “A última (palavra ilegível na edição que utilizamos, mas acreditamos ser etapa)”<sup>48</sup> encontramos o trecho

Nascido na humildade e na pobreza, creado pela vontade de um homem traduzindo os anseios de um povo, alicerçado com o sangue de dezeseite martires assassinado pelos comunistas, crescido á custa de sacrificios de toda sorte e sendo principalmente uma renovação e uma revolução de almas, não podia o Integralismo vencer de um momento para o outro.<sup>49</sup> (sic)

Encontramos com este trecho a tentativa de construção do integralismo como uma ideologia contrária ao comunismo, anticomunismo às vezes com discurso apenas simbólico e outras vezes material, como o citado acima que traz em si os mártires integralistas “assassinados pelos comunistas”.

Recorrente também, são as referências feitas à relação entre o integralismo e a Igreja Católica, em especial os setores mais conservadores desta. Em nota de opinião d’*O Bandeirante*, sem assinatura, intitulada “Catolicismo e Integralismo”<sup>50</sup>, alguns pontos são importantes para pensar essas relações. “(...) queremos mostrar aos católicos que o Integralismo não é, como muitos pensam, um movimento anticristão e sim um movimento que em nada fêre aos princípios da Igreja.” (sic)<sup>51</sup> ainda na mesma nota, citando Tristão de Ataíde “Se ha realmente vocação política, confesso que não vejo outro partido que possa,

---

<sup>48</sup> Jornal O Bandeirante, 31/07/1937.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Jornal O Bandeirante, 24/07/1937.

<sup>51</sup> Ibidem.

como a Ação Integralista Brasileira, satisfazer tão completamente às exigências de uma consciencia catolica, que se tenha libertado dos preconceitos liberais.” (sic)<sup>52</sup>.

O integralismo manteve relações bastante próximas com a Igreja Católica e foi bem aceito por parte de membros do alto clero, principalmente em função do discurso espiritualista empregado pelos seguidores de Plínio Salgado e pelas relações feitas entre o movimento e o cristianismo. Relações estas que ajudaram a legitimar o discurso de democracia excludente, chamada de democracia cristã em algumas situações, empregada pelo PRP a partir da década de 1940. Salgado concluía esta ideia autoritária como uma democracia que “poderá e deverá considerar extremistas aqueles que atentarem contra o conceito do homem em que ela se baseia” (SALGADO apud CALIL, s./d, p. 4). Portanto, democráticas eram somente as iniciativas que levassem em conta os preceitos cristãos, os demais, conseqüentemente, eram antidemocráticos e deveriam ser combatidos.

Discurso bastante atraente e bem recebido pela Igreja Católica, mais ainda em um contexto de combate ao comunismo. Segundo Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre a partir de 1912, os planos comunistas “(...) parecem producto da phantasia de Lucifer e seus meios de combate não poderiam ser peiores si fossem forjados nas officinas do inferno.” (sic) (BECKER apud MOTTA, 2000, p. 74). Momentos mais próximos ao fascismo europeu e em outros, mais próximo do próprio movimento integralista, o próprio arcebispo “pronunciou-se claramente em favor do integralismo”.<sup>53</sup>

Plínio Salgado, como não poderia deixar de ser, é marca registrada sempre que possível nas publicações. Em momentos o Chefe Nacional dos camisas verdes é presente através de artigos assinados, outras vezes por meio de artigos que foram publicados em outros jornais e/ou revistas - ou até a recomendação da leitura destes jornais<sup>54</sup> e revistas - do movimento e que são republicados; não raro anúncios de seus livros e trechos desses livros que aparecem com pompas de teórico do movimento, quando não uma citação na defesa de alguma crítica feita por outros veículos de imprensa ou políticos. Ao fim, mesmo que não fosse abertamente citado, o chefe integralista sempre se fazia presente, afinal os jornais eram parte de um conglomerado de imprensa que, mesmo com seus atores regionais e municipais, era mantido sob controle de Salgado.

---

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> DIAS, Sônia. **BECKER, João.** Disponível em: <http://www.fgv.br/CPDOC/ACERVO/dicionarios/verbete-biografico/becker-joao>. Acesso em: 09 out. 2020.

<sup>54</sup> Como no caso da edição de *O Bandeirante* de 26/10/1935, onde encontramos nota com “Leiam A Offensiva, orientação de PLÍNIO SALGADO”. O uso das caixas altas também é constante quando em referência ao Chefe Nacional.

Outro ponto que encontramos no trajeto de nossa análise do jornal *O Bandeirante* e que não é aplicável a todo o movimento integralista e sim um tom pintado em situação regional, diz respeito ao movimento operário. Lembrando que Caxias já era, em 1930, um polo industrial relevante, a AIB geralmente não tinha grande entrada no movimento operário. Caxias é uma destas exceções, pelo menos no discurso empregado através do jornal oficial do movimento, chegando a ter uma “Coluna operária” no impresso. Notamos também que constantemente as reportagens e referências ao proletariado urbano da região, bem como quando se tratando do trabalhador rural, servia para a motivação e apoio para que participassem de sindicatos e fizessem desse um meio de expressão das classes, o que repetidamente se tornava discurso em defesa do estado corporativista defendido pelos integralistas.

Em trecho da Coluna Operária, com título de “A união faz a força”<sup>55</sup> encontramos

Proletário! Não esquece que as grandes forças nada mais são que a concentração de forças pequenas e isoladas. (...) Une-te aos teus irmãos de profissão, agrega-te a eles e com a força pequenina que cada um conduzir, ergue com eles o edifício da tua segurança a fortaleza que lutará pelas tuas reivindicações, em prol das tuas aspirações e em nome dos teus direitos de ser humano e cidadão da Patria!<sup>56</sup>

Entendemos assim que a defesa de um Estado organizado em formato corporativo, mesmo que de forma implícita e previsto já no lançamento da AIB em 1932, é uma constante também nos jornais integralistas.

Um último ponto vamos utilizar e que entendemos como interessante para pensar nas rupturas e permanências discursivas destes integralistas em questão, diz respeito ao discurso antissemita<sup>57</sup>. Como já citado anteriormente, o antissemitismo era bastante intenso nas produções de Gustavo Barroso, no entanto não limitado a ele, alguns militantes foram influenciados por este ideólogo integralista - acontecendo inclusive rachas no movimento - e outros traziam esse discurso independente da relação que tinham com Barroso.

Se faz necessário pontuar que o movimento antissemita não é exclusividade do período em questão, alguns autores traçam a perseguição aos judeus desde pelo menos o Império Romano. Períodos com maior ou menor intensidade e com discursos relativamente variados, convencionou-se definir estas perseguições por motivos religiosos - pelo menos até o século XIX - como antijudaísmo, visto que outros povos não judeus também são semitas. Entretanto, o conceito foi substituído e o antissemitismo se configurou no lugar de

---

<sup>55</sup> Jornal *O Bandeirante*, 17/07/1937.

<sup>56</sup> *Ibidem*.

<sup>57</sup> Entendemos antissemitismo aqui como o discurso e ação de perseguição aos judeus, levando em conta sua construção de longa duração, visto que “(...) perigo que incorremos em não considerar o antissemitismo sob o ângulo da história no longo prazo: o de torná-lo incompreensível” (MESSADIÉ, 2010, p. 10).

antijudaísmo (MESSADIÉ, 2010). Messadié, em sua *História Geral do Anti-semitismo* divide o movimento em três fases - I- antissemitismo pré-cristão; II- antijudaísmo e antisemitismo cristãos; e III- antisemitismo nacionalista - com suas especificidades, o discurso antissemita do período e que era empregado pelos integralistas, diz respeito principalmente a esta terceira fase, com claras influências das anteriores.

Encontramos reportagem não assinada com o título “A questão das dividas externas”<sup>58</sup> (sic) e que traz tons pesados em seu discurso

Essa insistencia por parte dos credores judeus de Londres, exigindo o pagamento das nossas dividas externas, está se tornando deveras irritante.

Não contentes em nos terem mantido em escravidão durante decenios de anos, impedindo de todos os modos o progresso do país, conforme documento Gustavo Barroso (...).

São Intolerantes esses judeus capitalistas.

Quando os judeus comunistas tomaram conta da Russia, não só suspenderam o pagamento da dívida como também a negaram e nunca mais pagaram nada. E os judeus de Londres acharam que estava muito no direito. Verdade que em ultima analise eram gente do mesmo saco.<sup>59</sup> (sic)

Citação necessária para entender a importância dada ao antissemitismo no jornal. Além da referência à produção de Barroso - o que acontece em outras edições, às vezes como propaganda de seus livros - a associação entre comunismo e judaísmo é recorrente, ora tratados como sinônimos ora tratados como problemas equivalentes.

Na última edição que tivemos acesso encontramos, em reportagem não assinada intitulada “A extinção dos partidos políticos no país”<sup>60</sup>, o posicionamento do movimento frente a este ato do estado novo varguista. Visto que desde a fundação da AIB, o movimento já trazia a divisão dos partidos políticos brasileiros como um problema da democracia liberal, não se opôs ao ato que os extinguiu em 1937. “O decreto do governo federal extinguindo todos os partidos políticos existentes no país, foi mais um grande passo para a concórdia da família brasileira. Com efeito, os partidos políticos, principalmente após a proclamação da República, nada fizeram de louvável em prol do engrandecimento da Nação”<sup>61</sup> (sic) e logo após explica

A extinção dos partidos políticos atingiu também a Ação Integralista. Mas atingiu somente em parte. O regimen caído em 10 de Novembro só permitia propaganda política às organizações devidamente registrada no Supremo Tribunal Eleitoral. E assim, a Ação integralista que, a par de ser um movimento cultural, propugnava pela transformação política do país, por um sistema de governo mais de acordo com as tendencias da época atual, inscreveu-se como partido político, afim de garantir sua existência e satisfazer uma exigência legal. Note se que a Ação Integralista Brasileira não era um partido político.<sup>62</sup> (sic)

<sup>58</sup> Jornal O Bandeirante, 18/12/1937.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Jornal O Bandeirante, 18/12/1937.

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> Ibidem.

Note-se, a AIB não só não se opôs à extinção dos partidos, mas apoiou o ato, principalmente por entender que era um movimento cultural que ia além do partido organizado através da Ação Integralista Brasileira. Esse entendimento de auto caracterizar-se como algo além de partido é importante para pensar as rearticulações que o próprio movimento fará em contexto posterior. Para Calil (2005, p. 202)

A reorientação doutrinária completava-se com a produção de uma nova versão sobre a trajetória do integralismo nos anos 30. Seu objetivo era estabelecer uma distinção entre a doutrina integralista e a Ação Integralista Brasileira, que seria apenas a forma concreta assumida pela doutrina integralista em uma determinada conjuntura. Assim, seria possível que, em uma nova conjuntura, a doutrina integralista assumisse forma diversa, inclusive a forma partidária.

Reorientação que permitiria, na década de 1940, se organizar através do Partido de Representação Popular.

Nesta mesma edição, em nota curta próxima ao fim do jornal, sob o título “Associação Brasileira de Cultura”<sup>63</sup> encontramos o complemento das informações referentes à reorganização da AIB, agora em organização cultural e não mais política.

A extinta Ação Integralista Brasileira foi transformada em Associação Brasileira de Cultura. Assim o movimento entrará logo em funcionamento, como associação beneficente, cultural e desportiva, perfeitamente protegido pela Constituição do estado novo. É presidente da nova organização, o Chefe Nacional Plínio Salgado. Os antigos secretários do Integralismo e Chefes Provinciais, continuam como diretores dos novos órgãos da ABC. A cargo de Gustavo Barroso permanece a cultura moral, cívica e física.<sup>64</sup> (sic)

Percebemos, a partir da nota, que nada mudou em relação à estrutura de militância e ideológica do movimento. As lideranças seguem as mesmas, mas não mais um movimento organizado como partido, situação que mudaria efetivamente após a tentativa de golpe de 1938<sup>65</sup>.

Definidos, então, os parâmetros que utilizaremos para a comparação dos discursos integralistas dos diferentes períodos - ataques ao liberalismo, salvação exclusiva através do integralismo, importância de Compagnoni frente ao movimento e na expansão do integralismo no estado, anticomunismo, relação integralismo/Igreja Católica, importância de Plínio Salgado, corporativismo e, também, antissemitismo - passemos à análise do período proposto.

---

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> Ibidem.

<sup>65</sup> No ano de 1938, dois levantes integralistas aconteceram na tentativa de tomada de poder das mãos de Vargas, um em Março e outro em Maio. Ambos foram derrotados sem muito esforço e, no segundo caso, contou com a participação de liberais que também queriam o fim do estado novo, o que permitiu a Salgado relativizar a ofensiva de maio em período que tentava articular o integralismo novamente.

### 3.5 NO PRELO: COMPAGNONI NO JORNAL *PIONEIRO*

Entramos em contato com 80 edições d'*O Pioneiro*, entre os anos de 1948 e 1950, todas elas digitalizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional<sup>66</sup>. Possivelmente uma ou outra edição tenha se perdido ou não esteja completa, em função do processo de digitalização, mas nada que impedisse ou invalidasse a pesquisa. Referente ao primeiro ano de nossa pesquisa, ano em que o impresso começou a circular, tendo sua primeira edição em 04 de novembro de 1948 e, por isso, com número menor de edições. A maior parte das nove edições deste ano é composta por 10 páginas (55,55%). Cinquenta e dois (52) é o número de edições encontradas no ano de 1949, novamente, a maior parte delas, composta por 10 páginas (69,23%). Já no ano de 1950, as tiragens sofrem uma variação um pouco maior, das setenta e uma (71) edições que tivemos contato, 30,98% são compostas por 10 páginas. Entretanto, por um período considerável teve redução em sua paginação, 21 destas edições (29,57%) circularam com somente 4 páginas, com um aumento posterior que levou 21,12% a serem compostas por oito.

Em relação às finanças, apesar de não termos acesso aos documentos internos de funcionamento do jornal, nos é possível deduzir que boa parte - senão a maior - dos custos foram arcados através de publicidade paga que circulava nos impressos. Em praticamente a totalidade das edições que pesquisamos, em mais de 50% das páginas são encontradas propagandas de diversas empresas e produtos, nas mais variadas formas e tamanhos. Encontramos, desde pequenas notas com nomes de empresas nos cantos das páginas, até anúncios de meia página de empresas de grande porte, tanto da região quanto do estado, encaixando-se, assim, no que Sodré (1999) chama de grande imprensa, quando já em formato de empresa capitalista e dependente basicamente de anúncios. Se houve ligação a um partido político ou ideologia específica, mesmo sendo uma empresa nos moldes referenciados, é o que atentaremos a partir de agora.

Consideramos para a análise do posicionamento de Compagnoni n'*O Pioneiro* os artigos assinados por ele, com maior ênfase para aqueles voltadas em específico ao integralismo, com a pontuação de alguns outros que não trazem explicitamente o discurso integralista, mas que relações são possíveis. Utilizamos também, de forma pontual, algumas outras notas ou reportagens que não são assinadas por nosso personagem, mas que auxiliam na compreensão de alguns pontos da pesquisa. Ato marcante nas referências e publicações de nosso personagem guia, é o fato de a maioria de suas aparições no jornal estarem ligadas e

---

<sup>66</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 mar. 2021.

pautadas pela defesa dos agricultores regionais, em específico - chegando a publicar um livro sobre o assunto<sup>67</sup> - aos tricultores.

Lembrando que os discursos são localizados historicamente, a defesa aos produtores de trigo da região se insere em um contexto de grande incentivo à produção, principalmente a partir do ano de 1944, quando da fundação do Serviço de Expansão do Trigo (SET). “No sentido de garantir o abastecimento do pão às grandes cidades, essa política despertou o interesse de um leque maior de interessados que viram na mesma maior estabilidade para seus investimentos (...)” (FONTOURA, 2007, p. 130), passando assim a pautar diversos aspectos econômicos da tricultura, tanto em seu livro, quanto em suas propostas na Câmara Federal e escritos na imprensa da época.

Outra pauta bastante recorrente que trazia Luiz Alexandre Compagnoni como personagem importante, diz respeito à idealização, projeto e construção do Monumento Nacional ao Imigrante<sup>68</sup>. Não raro as pautas em defesa da agricultura e agricultores, construção do Monumento e também em exaltação aos imigrantes vindos do continente europeu acabam sendo referenciados de uma mesma forma e, em função disso, são relacionados entre si. Sendo assim, percebemos Compagnoni como um personagem público constantemente relacionado com as pautas dos agricultores de Caxias e região. A partir de agora, desenvolvemos nossa pesquisa relacionando o personagem especificamente com as causas, pautas e discursos integralistas.

Já no ano de sua fundação, em 1948, na sua segunda edição, um dos principais pontos do discurso integralista pode ser encontrado sob o título “Política e Oportunismo”<sup>69</sup> (sic). Assinado pelo personagem, em meio às críticas sobre a situação de desinteresse pela política do país

O que revela este fato é uma corrupção generalizada. O caso é alarmante. Não se trata, como é comum na história, de uma pequena minoria de corruptos, mas sim de uma verdadeira degeneração coletiva, onde a exceção é representada por um diminutíssimo número de bons.<sup>70</sup> (sic)

A ideia de uma sociedade em franca decadência se faz presente no ideário integralista desde o lançamento de seu manifesto em 1932 onde “para progredir em paz, para frutificar seus

---

<sup>67</sup> “Livro destinado a esclarecer, a orientar, todos aqueles que têm qualquer parcela de responsabilidade nesse setor econômico, principalmente na capital federal (...)” trecho retirado de entrevista feita pelo Jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre e impresso na edição do Pioneiro de 20/04/1957. Obra publicada no segundo semestre deste mesmo ano pela Livraria Clássica Brasileira, sob o título “A Tragédia do Trigo Brasileiro”.

<sup>68</sup> Acontecimento que demanda de uma pesquisa à parte, o envolvimento de Compagnoni - sendo inclusive o presidente da comissão - com outras autoridades regionais e nacionais, a disputa pela construção e projeto, a inauguração feita por Getúlio Vargas em 1954. Enfim, o tema rende bastante material e, em função da limitação de páginas, não nos demoraremos neste.

<sup>69</sup> Jornal Pioneiro 18/11/1948.

<sup>70</sup> Ibidem.

esforços (...) precisamos de hierarquia, de disciplina, sem o que só haverá desordem” (MANIFESTO DE OUTUBRO, 1932, p. 2-3). Mesmo com a rearticulação do discurso, a partir da fundação do PRP, a noção de decadência ainda seguia sendo utilizada para a construção do que defendiam os camisas-verde e a resolução para a questão se daria através do modelo imposto pelo integralismo, seus membros recorrentemente são remetidos como esta “diminutíssima” (sic) exceção.

Sob o título “Naturalmente religioso”<sup>71</sup> encontramos outro aspecto mobilizado por Compagnoni em seu discurso. A construção da oposição entre “materialismo” e “espiritualismo” tinha paralelos com o discurso oficial da Igreja Católica, principalmente aquele estabelecido a partir da Encíclica *Rerum Novarum* (1891) e reafirmada pela Encíclica *Quadragesimo Anno* (1931). Assinadas, respectivamente, pelos Papas Leão XIII e Pio XI, são frutos de um contexto de profundas transformações do sistema capitalista internacional e se propunham a ditar os rumos e comportamentos corretos para o bom fiel do catolicismo oficial, afastando-o dos movimentos socialistas e anarquistas que ganhavam força no continente europeu, ao passo que as relações entre capital e trabalho se contrapunham. Essa tentativa de afastar os trabalhadores dos movimentos entendidos como materialistas pode ser percebida sendo mobilizada pelo discurso integralista, neste caso a partir de Compagnoni. Neste sentido, concordamos com Lia (2012, p. 553) que “É necessário, para uma ampla compreensão histórica das diferentes sociedades, marcar o lugar da experiência religiosa, como o elemento que organiza e confere originalidade aos diversos grupos humanos.”.

Tanto para a perspectiva de decadência da sociedade já citada acima

Efectivamente, os progressos incessantes da indústria, os novos caminhos em que entraram as artes, a alteração das relações entre os operários e os patrões, a influência da riqueza nas mãos dum pequeno número ao lado da indigência da multidão, a opinião enfim mais avantajada que os operários formam de si mesmos e a sua união mais compacta, tudo isto, sem falar da corrupção dos costumes, deu em resultado final um temível conflito. (RERUM NOVARUM, 1891, p. 01)

Quanto para a negação da divisão da sociedade em classes

o homem deve aceitar com paciência a sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os Socialistas; mas contra a natureza todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu entre os homens diferenças tão múltiplas como profundas; diferenças de inteligência, de talento, de habilidade, de saúde, de força; diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições. Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da sociedade como dos indivíduos; porque a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas, e o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções é, principalmente, a diferença das suas respectivas condições. (RERUM NOVARUM, 1891, p. 07)

---

<sup>71</sup> Jornal Pioneiro 09/12/1948.

O discurso oficial da Igreja Católica de fins do século XIX e primeira metade do século XX é utilizado para a ideia do que seria o espiritualismo integralista. Para Compagnoni

Que enorme diferença fará então esta pobre humanidade, minada pelo ódio e pela desconfiança, pelo medo e pela vingança.

O homem, que é naturalmente religioso, sendo encarado como tal, criara um novo ambiente nas relações humanas. Deixará de ser o explorador e o explorado.<sup>72</sup> (sic)

Sendo assim, a perspectiva de uma sociedade dividida em classes seria influência destes movimentos materialistas e, portanto, deveria ser combatido para a pacificação da sociedade. Como já previsto pelas Encíclicas e reiterado por Plínio Salgado, as massas deveriam ser guiadas - por óbvio, pelos integralistas - e cada componente deveria aceitar sua condição de forma paciente.

A utilização de referências - diretas e indiretas - ao religioso no discurso político é bastante característico da simbologia nacionalista. Apesar de o movimento já estar inserido, neste período, em contexto diferente, o tom nacionalista ainda se faz presente e é norteador do discurso. A partir disso, nota-se o “papel fundamental da sacralização da política, confundindo as esferas política e religiosa através da utilização de simbolismos sagrados, que têm um peculiar força simbólica de tradução e legitimação da ordem política.” (SANTORUM, 2018, p. 78). A sacralização da ideologia integralista é presente desde o seu lançamento em 1932 e sua dicotomia entre espiritualismo e materialismo bebe desta fonte para estabelecer-se “Sendo um movimento de caráter fascista, o integralismo não mediu esforços no apelo à sacralidade para legitimar sua doutrina, dando a ela um tom divino.” (Ibidem, p. 81).

Importante para a constituição do que seria o integralismo, a contraposição e o combate ao comunismo era uma constante nos discursos. Sob o título “O comunismo continua fazendo estragos em Caxias do Sul”<sup>73</sup>, Luiz Compagnoni trazia sua visão sobre o contexto pelo qual o município passava “É esta uma triste constatação que faço, ao verificar a enorme soma de moços que, de uma forma ou de outra, estão contaminados pela peçonha vermelha. (...) Que contraste chocante com a mocidade de vinte anos atrás, toda ela possuído um idealismo construtivo, baseado na tradicional espiritualidade trazida pelos pioneiros da colonização desta cidade e desta onda.”<sup>74</sup> Note-se que a mocidade com idealismo construtivo e espiritualista é aquele referente ao período de fundação e de maior atuação da Ação Integralista Brasileira no país. Ademais, “contaminação” e “peçonha” dão o tom de como o comunismo deve ser visto pelos consumidores da imprensa que analisamos.

---

<sup>72</sup> Jornal Pioneiro 09/12/1948.

<sup>73</sup> Jornal Pioneiro 06/01/1948.

<sup>74</sup> Ibidem.

Ainda nesta mesma edição

de vinte anos para cá, nesta nossa querida Caxias, sucedeu algo terrivelmente maléfico: o comunismo. Pregado, de início, discretamente, teve ele seu apogeu e seus propagadores hostensivos durante a última guerra, quando os exércitos vermelhos destruíam à cidadela do totalitarismo nazista. Acobertados pelo manto protetor da Democracia, puderam os corifeus do comunismo, em nossa cidade, propagar suas idéias, principalmente no meio dos moços incapazes, muitas vézes, de articularem qualquer argumento contra a pregação vermelha. Aliás, para os comunistas, só os comunistas é que são democratas.<sup>75</sup> (sic)

Citação esta interessante para pensar na compreensão que o movimento integralista tinha sobre democracia e como mobilizavam o conceito para serem aceitos neste contexto de reestruturação pós estado novo. Ao não conseguirem mais se colocar contrários à democracia, como em sua formação anterior, o movimento cunhava uma interpretação bastante específica para a democracia que defendiam.

Para nossa análise utilizamos a interpretação de Calil (2005), para quem a ideia de democracia restrita a partir de 1945 não era exclusividade dos programas do integralismo e do PRP, para o autor, o golpe que afastava Vargas do poder tinha sido articulado para permitir que seu afastamento fosse visto como o fim do autoritarismo do período anterior, mantendo boa parte da estruturação da ditadura, mas sem o ditador. Neste sentido, com amplo apoio das forças que tinham levado à cabo o golpe que destituiu Vargas e que conduziram a Constituinte de 1946, que manteria boa parte do aparato repressivo do estado novo, o PRP teve seu registro aceito e seu programa e estatuto foram tidos como democráticos pela Justiça Federal. Deste modo, segundo Calil, o que os integralistas defendiam como democracia - democracia orgânica ou democracia cristã, nas palavras de Salgado - se referia a um regime excludente e autoritário que agiria na defensiva onde “poderá e deverá considerar extremistas aqueles que atentarem contra o conceito do homem em que ela se baseia” (SALGADO apud CALIL, s/d, p. 4). Portanto, somente a democracia defendida pelos integralistas - excludente, autoritária, antidemocrática - seria verdadeiramente democrática e os demais deveriam ser combatidos.

Nesta interpretação de uma democracia que deveria impor limites a si mesma, uma democracia que deveria agir na defensiva de pessoas, grupos e movimentos que a colocariam em risco - ideia apresentada pelo PRP desde a década de 1940 e que viria ser o discurso padrão que legitimou o golpe que instituiu a ditadura civil-militar de 1964 - Salgado (apud Calil, 2005, p. 704) comemorava o fechamento do PCB em 1947 defendendo que “A decisão do Supremo Tribunal Eleitoral afirma uma nova doutrina e estabelece um novo conceito de democracia: a democracia que salvaguarda o princípio da liberdade contra ideias supressivas

---

<sup>75</sup> Ibidem.

de liberdade. Salvaguardando esse princípio a democracia deixa de ser liberal para salvar o liberalismo.”.

O combate ao comunismo é presente em grande parte das edições, o que faz pensar na força que os movimentos comunistas poderiam ter, efetivamente, na região. Em “Krypto”<sup>76</sup> (sic), Compagnoni faz uma denúncia da atuação dos comunistas e daqueles que não se dizem comunistas, mas fazem o jogos desses, consciente ou inconscientemente. As relações com a atualidade são impossíveis de serem evitadas, mas em resumo, segue a máxima de que raramente um não integralista não estaria, ao menos inconscientemente, fazendo o jogo dos comunistas.

O comunista é o que quer a destruição da ordem social cristã, da civilização ocidental, da família, da cultura greco-romana-cristã; é o que quer arrasar nossas igrejas, prostituir nossas jovens, arrancar do lar a mãe de família; é o que excita o operário contra o patrão e este contra aquele; é o que propaga o amor-livre, e, conseqüentemente, a imoralidade nos livros, nos jornais, nas revistas, nas praias, nos clubes, nas piscinas; é o ateu, o que combate a Deus e a seus ministros, escarnecendo das práticas religiosas, do ensino religioso, do casamento cristão; é o que afirma que, numa guerra entre o Brasil e a Rússia, ficará ao lado dos bolchevistas contra a sua própria pátria; enfim, o comunista é a antítese, a negação, de tudo quanto para nós é sagrado, de tudo quanto para nós constitui a razão de ser.

(...) [Krypto] é o que, sendo jornalista, jamais se define na luta anticomunista e, se o faz, aplica uma terminologia “para inglês ver...”; é o que possui um ódio especial a todas as forças nitidamente nacionalistas e cristãs, para as quais, quando pode, não titubeia em chamá-las de fascistas; (...)

O “krypto”, quanto ao comunismo, quer acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Forma ele a grande “quinta coluna” russa que, no momento oportuno, trairá tudo que é nosso.

(...) Há em tudo isso algo de diabólico, de degradante, de decadente, uma verdadeira lepra moral atinge a todos os “criptos” (...) É uma das degradações da inteligência moderna.

São os fariseus de nossos dias. A eles podemos aplicar as palavras de Jesus: “Raça vil de víboras. Fariseus hipócritas. Sepulcros caiados, brancos por fora, podridão por dentro!”<sup>77</sup> (sic)

Dos escritos encontrados no *Pioneiro*, esse é um dos mais significativos para a análise do discurso empregado por Compagnoni. Além da pressuposição de diferentes pontos, dados como incontestes - que os comunistas querem destruir a ordem social, a civilização, a família; querem prostituir as jovens, propagam a imoralidade, etc - sem qualquer justificativa para as acusações, afinal são indiscutíveis, visto que tratam-se de comunistas; o autor se utiliza da religiosidade - influente nas relações sociais em uma zona de colonização italiana - para tornar o movimento comunista como o símbolo do mal, estes são “diabólicos”, “degradantes”, uma “lepra moral”, “víboras” e podres.

Sobre as continuidades, estas que “indica[m] a permanência de estruturas e de relações, e a manutenção de um quadro de referências e ações históricas que garantem a

---

<sup>76</sup> Jornal Pioneiro 26/03/1949.

<sup>77</sup> Ibidem.

sobrevivência e perpetuação dos tempos anteriores dentro do tempo presente.” (MENEGUELLO, 2019, p. 59), a transcrição acima traz material rico para reflexão. Em período de profundo descrédito científico e jornalístico - não sem pensar que, ao menos no caso da grande imprensa nacional, a responsabilidade deve ser dividida com a própria imprensa - parte considerável do discurso utilizado por nosso autor no fim da década de 1940 segue sendo utilizado. Os ataques à democracia, as acusações feitas por políticos nacionais e internacionais que detém influência no debate público e a intencionalidade de utilizarem conceitos sem qualquer preocupação teórica, servindo como meros adjetivos para confirmar posicionamentos previamente definidos, não é criação deste contexto de aceleração da circulação das informações do século XXI. Boa parte deste discurso empregado atualmente faz parte deste processo de continuidade, como pode ser percebido na citação retirada do *Pioneiro* transcrita anteriormente e que se mostram presentes desde períodos anteriores ao que pesquisamos.

Significante para analisar o discurso empregado acima, também, é o fato de que a influência da Igreja Católica no integralismo não se faz só a partir de relações entre o que ambos escreviam, atentar para o fato de que na Carta de Princípios do PRP (apud Calil, 2005, p. 701) previa-se “Em Deus propomos o princípio e o fim de nossa doutrina política. Em Deus pomos o supremo destino de nossas aspirações. E opondo nossa clara doutrina a todas as formas do materialismo, ficamos com o Cristo”. Tendo essa perspectiva como base do que guiaria o pensamento integralista, agora organizado no PRP, define novos parâmetros para pensar a construção discursiva que cita “Deus”, “diabo” e “Fariseus” para defender suas pautas, numa espécie de luta pela recristianização da sociedade.

Em edição posterior sob o título “Los democratas”<sup>78</sup>, ainda sobre a “democracia espiritualista”, Luiz Compagnoni caracteriza os democratas da cidade como “o que assume ares de educador político, querendo ensinar a todos a serem democratas” e conclui dizendo que

A gente desta cidade e desta zona possui um passado político, que tem a enriquecê-lo uma carga positiva de milênios de educação e cultura democráticas. No espírito deste gente vibram milênios de espiritualidade, de cristianismo - o que quer dizer de anti-totalitarismo, anti-ditadura, num exercício constante das práticas democráticas, de realização das liberdades<sup>79</sup> (sic)

---

<sup>78</sup> Jornal Pioneiro 19/03/1949.

<sup>79</sup> Ibidem.

Logo, o fato de terem espiritualidade, de serem adeptos do cristianismo, torna-os democráticos natos, afastando a pecha de totalitários que constantemente tentavam colar nos integralistas<sup>80</sup>.

Em “A função dos partidos políticos”<sup>81</sup> o autor traz sua dimensão da função que deveria exercer um partido político. Importante ter em mente que, diferente da maior parte das agremiações partidárias do período, o PRP - seguindo os passos já trilhados pela AIB na década de 1930 - não se organizava só em períodos eleitorais. Os membros do PRP do período seguiam atuando para além das eleições e a crítica feita com a assinatura de Compagnoni ia neste sentido, para ele

A grande função do partido político é a coordenação da opinião pública. Coordenar a opinião pública. Que trabalho formidável deve ser realizado, para canalizar a opinião pública, a fim de que ela possa, ordenadamente, influir nas decisões governamentais! A democracia é o governo do povo, mas do povo organizado, do povo disciplinado, do povo consciente de sua grande função. E o povo é o governo através dos partidos políticos.<sup>82</sup> (sic)

Apesar de não criticar o pluripartidarismo, como faziam em parte da década de 1930, o personagem é bastante claro em defender que o povo deve ser coordenado, disciplinado, para influir no governo. Para Compagnoni, o partido deve “esclarecer o povo”, “dinamizar o povo” (sic), defender a hierarquia e ajudar nas decisões, visto que o povo é incapaz de decidir por si. Essa necessidade de coordenação que deve ser feita pelo partido para melhor encaminhar seus posicionamentos, também compõem os discursos empregados, principalmente a partir de Salgado que apresentava a sociedade em uma perspectiva nitidamente hierarquizadora, onde o povo (consciente) deveria conduzir a massa (irracional), a ponto inclusive de as obras voltadas para a doutrinação integralista serem também diferentes para cada público (CALIL, 2005).

Em outra edição, sob o título “A sucessão e a ineficiencia dos partidos políticos”<sup>83</sup> (sic), Compagnoni segue sua defesa da necessidade de os partidos assumirem suas funções visto que “a política, no Brasil, não possui instrumentos para tornar efetiva a sua engrenagem democrática. Em outras palavras, não existem as grandes organizações partidárias, capazes de

---

<sup>80</sup> A tentativa de colar o integralismo e, conseqüentemente o PRP, ao autoritarismo partia de diferentes grupos, ora ligando-os aos movimentos nazifascistas, ora tratando-os como antidemocráticos no seio nacional. Tanto organizações e partidos à esquerda - PCB e PTB - quanto à direita - UDN e PSD - em diferentes situações faziam as acusações ao PRP. Graças às alianças em pleitos eleitorais, principalmente em 1950, quando parte das forças que apoiaram o Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN) na campanha à Presidência, o partido ia galgando espaço e aceitação na sociedade após o fim do estado novo, mesmo que vez ou outra algum processo que questionava a legalidade democrática do movimento se fizesse presente.

<sup>81</sup> Jornal Pioneiro 26/02/1949.

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> Jornal Pioneiro 17/09/1949.

canalizar a opinião pública”<sup>84</sup> (sic). Novamente, a massa necessita de condução, necessita ser "canalizada", Compagnoni (apud Calil, 2005, p. 707) em outras palavras “a massa é, por si só, inerte e inconsciente; só se move sob a influência de fatores que lhe são estranhos. O povo, porém, vive e move-se por via própria; é um conjunto de homens esclarecidos, conscientes de sua personalidade, de suas convicções e de seus direitos”. Esse povo, essa pequena elite pensante do país, na visão elitista e hierárquica defendida, compunha-se, exclusivamente, dos integralistas. Outra pauta que permite paralelos interessantes com o discurso oficial da Igreja Católica, essa também propunha - principalmente no papado de Pio XII - a divisão entre massa e povo, aquela “é inerte e não se move senão do exterior, fácil joguete nas mãos de quem quer que lhe explore os instintos e as impressões, pronta a seguir, alternadamente, hoje esta bandeira e amanhã aquela”.

O ano de 1950 traz acontecimentos importantes para o entendimento dos posicionamentos através do jornal *Pioneiro*. Passados 15 turbulentos anos no poder depois da Revolução de 1930, Vargas estava novamente participando da disputa eleitoral, mas desta vez como candidato, visto que na eleição de 1945, primeira pós estado novo, não foi candidato mas uma importante voz na eleição de Eurico Gaspar Dutra seu ex Ministro da Guerra. O pleito de 1950 ficaria novamente dividido entre a díade UDN/PTB, a primeira representada mais uma vez por Eduardo Gomes, candidato derrotado em 1945 e o segundo por Getúlio Vargas, eleito com aproximadamente 48% de votos, correspondente a pouco mais de 3 milhões e 800 mil votos.

Cabe pontuar que, mesmo tendo apoiado o golpe de Getúlio Vargas que instituiu o estado novo, os ditos herdeiros do integralismo reunidos no Partido de Representação Popular, faziam parte da campanha pela eleição do candidato da UDN. Abaixo de grande reportagem sobre o “O BRIGADEIRO e PLINIO SALGADO unidos pelo bem do BRASIL”<sup>85</sup> (sic) na página do Diretório Municipal do PRP encontramos o artigo “O Povo Reclama uma nova Geração Política”<sup>86</sup> assinada por Luiz Compagnoni. Iniciada por “A campanha eleitoral para o pleito de 3 de outubro, deve visar, antes de tudo o alevantamento do nível político do povo brasileiro.” (sic) traz tom importante para pensar no discurso empregado, visto que a utilização de metáforas “sugere a filiação a uma maneira particular de representar aspectos do mundo e de identificá-lo” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 111). A metáfora utilizada pelo autor já no início da matéria traz a intenção de “levantar” o nível político do país e, sendo a

---

<sup>84</sup> Ibidem.

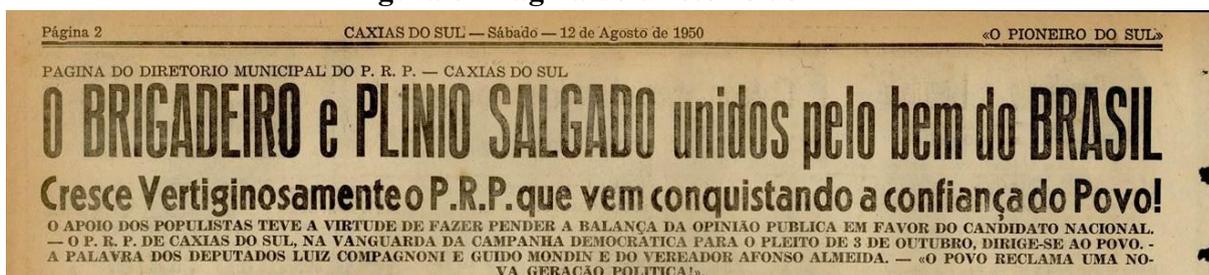
<sup>85</sup> Jornal Pioneiro 12/08/1950.

<sup>86</sup> Ibidem.

utilização das metáforas localizadas socialmente, afinal precisam fazer sentido para os que os produtores e consumidores da mesma, “na cultura ocidental, espacialização para baixo é experienciada em termos do que é mau, ao passo que espacialização para cima é experienciada em termos do que é bom.” (Ibidem, p. 112). Neste sentido, com o uso desta metáfora orientacional (Lakoof; Johnson, 2002), define-se a política nacional em voga como ruim, necessitando do melhoramento a ser trazido com a eleição desta nova “Geração Política” pensada por Compagnoni.

A utilização de caixas altas para o direcionamento da mensagem e da intensidade do que está presente no impresso não é exclusividade d’*O Pioneiro* e, apesar de não ser escrita por Compagnoni, um parêntese é interessante de ser feito. No título já citado acima “O BRIGADEIRO e PLINIO SALGADO unidos pelo bem do BRASIL” o uso é bastante característico e, segundo Christofolletti (2010, p. 100) “O autoritarismo, a relação de subordinação da militância, a tentativa de aproximação com o leitor, utilizando-se, principalmente, de frases destacadas por vários pontos de exclamação, intercalação de caixas alta e baixa na disposição das palavras, estabeleceram uma relação de hierarquia entre elementos primordiais e acessórios na mensagem.”. A recorrência do uso nos faz pensar no real afastamento que o impresso teria para com o integralismo, não só a partir de Compagnoni, mas do impresso como um todo, ainda mais se pensarmos que mesmo sendo fundador do impresso, em alguns momentos os escritos de nosso personagem está localizado na página do PRP e em outros - a maioria - está localizado no decorrer do jornal, não ligado explicitamente ao partido.

**Figura 6 - Página do diretório do PRP**



Fonte: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Nesta edição do dia 12 de Agosto de 1950 do *Pioneiro*, percebemos a utilização de caixa alta para chamar a atenção dos leitores, utilização esta que é recorrente desde quando ainda em períodos de legalidade da AIB. A título de exemplo, segue impresso integralista de 18 de setembro de 1936, quando a AIB ainda permanecia em atividade

Imagem 7 - Jornal integralista *A Offensiva*

**NADA ME CONSTOU,** até hoje, em desabono da conducta pacífica dos integralistas, os quaes, aqui em Pernambuco, agindo dentro das esferas da Lei, sempre têm acatado as autoridades do poder constituído -- **AFFIRMA O SR. SECRETARIO DA SEGURANÇA PUBLICA D'AQUELLE ESTADO, EM ENTREVISTA A' "A CIDADE"**

**OS CAMISAS-VERDES E A ORDEM PUBLICA**

**UM DEPOIMENTO INSUSPEITO E AUTORIZADO**



INICIANDO UMA SÉRIE DE ENTREVISTAS EM TORNO DAS ACTIVIDADES INTEGRALISTAS O BILIBRIANTE JORNAL "A CIDADE" QUE SE EDITA EM RECIFE, OCULTA O SEU CAPTIVO PIERRETTI MENDELLA, HAUSTIC SECRETARIO DA SEGURANÇA PUBLICA DO GOVERNO PERNAMBUCANO. A PALAVRA DE S. EXCIA. JA'...

MELI AUTORIZADA COMO REGISTRO DO PENSAMENTO DO DEUS MILITAR, TORNA-SE MANDELLA QUANDO, NOS RECORDAMOS QUE, DEBANTE A INSURREIÇÃO BOLSHIVISTA DE SO...

VIMBRO, O CAPITAO MENDELLA FOI O VERDADEIRO BALCANETE DA ORDEM, INTERFERIDO E PROIBIDO DEFENSOR DAS INSTITUCOES...

EXCIA. DESEMPENHA AS LEI TADAS PENSOES DE SER CAMILO GRUNDO-OLIVE: A GRATIDAO E AS SYMPATHIAS GOVERNOS DO POVO BOMQUELE ES...

COMO FILIATO MULLER NO DISTRICTO FEDERAL, S. EXCIA. EM RECIFE, PORCO E PORCO SE TORNA A GARANTIA DA SEGURANÇA PUBLICA, O ESTADO DOS LAIBES AMEAÇADOS PELA...

QUE DIRECTA OU INDIRECTAMENTE, ENTRE NOS, PERTEMOS INTERESSES SECRETOS DE WORKOL. TRANSCHEMOS NA ENTREVISTA A ENTREVISTA DE S. EXCIA. E O DEPOIMENTO DE QUEM POSSUE AUTORIDADE MORAL SUFFICIENTE, ADICIONADO AO COMPORTAMENTO ENERJICO CONTRA O COABERTISMO, PODEMOS JULGAR A SITUAÇÃO DOS CAMISAS-VERDES QUE NAS BOLSAS DEBEMOS DA NACIONALIDADE SEMPRE ESTIVEREM E ESTAREM AO LADO DOS VERDADEIROS PATRIOTAS, BASTANDO PELA GRANDEZA E BONDADADE DO BRASIL.

**A OFFENSIVA**

PROPRIEDADE DA EXCELSIOR S. A.

Fonte: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 out. 2020.

O uso da metáfora que indica melhoramento na política nos faz olhar novamente para a visão de que o país estaria imerso em corrupção e decadência e que necessitaria de salvação. Em trecho posterior “Todas as classes sociais, por isto, sofrem não só as dificuldades naturais consequentes desta desorganização”<sup>87</sup> e ainda

Precisamos de uma nova geração política, para deter a onda de imoralidades que invadiu a vida nacional; para criar uma legislação que impeça a propaganda e a difusão desta avalanche de publicações indecentes, que corrompem nossos filhos e está preparando uma geração de moles, de incapazes, de gozadores.<sup>88</sup> (sic)

O contexto em que esta decadência está sendo combatida é o referente às eleições que se dariam ainda neste ano, sendo “O problema fundamental deste período histórico, é o político”<sup>89</sup>. Neste sentido, o direcionamento dado pelo discurso empregado por Compagnoni elege o político como problema a ser combatido e deve ser combatido pelos homens que compõem essa “nova geração política” contrária às imoralidades, como diz Magalhães “a historicidade dos textos torna-os capazes de exercer papéis importantes de liderança da mudança sociocultural da sociedade.” (2001, p. 18)

Ainda nesta mesma, rica para entendermos a estruturação do pensamento de Compagnoni veiculado neste contexto de ano eleitoral “a Nação vegeta num clima de atordoamento, incapaz de marchar para os grandes destinos que a Providência lhe reservou”<sup>90</sup>,

<sup>87</sup> Jornal Pioneiro 12/08/1950.

<sup>88</sup> Ibidem.

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> Ibidem.

notamos aqui o tom religioso e espiritual, constantemente empregado pelos integralistas como já referido. Mencionar este trecho em paralelo com a Encíclica de 1931 é importante pois afirma que

Só estas [instituições católicas] podem dar remédio eficaz à demasiada solicitude das coisas caducas origem de todos os vícios ; só estas podem fazer, que os homens, fascinados pelos bens deste mundo transitório, desviem deles os olhos e os levantem ao céu. Quem dirá, que este remédio não é hoje, mais que nunca, necessário à família humana? (QUADRAGESIMO ANNO, 1931, p. 30)

Em ambos casos, os vícios e o estado vegetativo da nação, seriam incapazes de rumar para o “destino que a Providência lhe reservou”. O rumo, ao fim, depende da aceitação do remédio oferecido pelo espiritualismo católico que é mobilizado pelo integralismo desde sua fundação.

Para a ADC, a análise da intertextualidade que tem “a finalidade de se verificar a relação das vozes alheias com a voz do autor do texto” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 101) é importante e o fato de Compagnoni mobilizar estas vozes espiritualistas bem como de pressuposições - como o fato de o país ter grandes destinos ditados pela Providência - são constitutivos de seu discurso. Em trecho posterior, “O Estado Brasileiro, teoricamente de direito, pode não ser socialista; mas de fato, realmente, ele marcha para o socialismo, pois seus tentáculos absorvem cada vez mais as atividades privadas, o trabalho particular.”<sup>91</sup>, o uso dos conceitos sem crivo teórico é outro padrão desde a década de 30 do século XX, socialismo, comunismo, anarquismo, constantemente são mobilizados como sendo sinônimos, todos representando um mal materialista a ser combatido. Além, claro, do uso da intertextualidade referenciada acima e que parte da pressuposição de que o país está rumando para o socialismo. Novamente metáforas são mobilizadas, “tentáculos” são o espalhamento destas garras do oriente ateu tão perigosas para o mundo espiritualista ocidental e que se faz presente nos diferentes períodos abordados.

Sob o título “Votar é um dever”<sup>92</sup> Compagnoni, em meio à tentativa de mobilizar os eleitores para que participassem da eleição, utilizava o combate ao comunismo - tradicional na construção da ideologia integralista a partir do “Nós X Eles” - para sua mobilização.

Sabemos que comunistas, socialistas, esquerdistas, inimigos da Religião, da Pátria, da Família, unem-se, trabalham, a fim de destruir êstes nossos fundamentos da vida. (...) temos visto até cenas de histeria, por parte da gente que está completamente empolgada pelos novos “antonio conselheiros” que tudo prometem. (...) êste país não pode ser governado por histéricos e demagogos. Os crentes, os que têm fé, devem atentar para o fanatismo dos que seguem uma filosofia negativa de vida. Se êstes agem ativamente (...) porque nós, que cremos em Deus e na imortalidade da alma; que queremos construir uma grande Pátria Cristã e Democrática; que defendemos a integridade da família, que queremos que nossos

---

<sup>91</sup> Jornal Pioneiro 12/08/1950.

<sup>92</sup> Jornal Pioneiro 19/08/1950.

filhos não se corrompam (...) porque nós não devemos agir com a mesma determinação?!<sup>93</sup> (sic)

Compagnoni mobiliza em seu discurso, intertextualmente, a religiosidade (crença em Deus e na imortalidade da alma), a crítica ao estado atual - bastante confundido com o liberalismo, pelos integralistas (integridade da família e não corrompimento dos filhos), além do anticomunismo e da defesa da “Democracia Cristã” (Calil, 2005). Fato interessante também utilizado para a construção discursiva e que é analisada pela ADC diz respeito à intertextualidade recontextualizada para servir ao autor do texto (RAMALHO; RESENDE, 2011). Recontextualização essa pode ser notada na referência à Guerra de Canudos, através da histeria que, segundo o autor, estaria sendo mobilizada por “novos antonios conselheiros” (sic) e que são mobilizadas na construção do discurso sobre estes personagens a partir da designação destes atores sociais através de sua representação e categorização.

Recordando que em 1950 o PRP apoiava a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, já derrotado na eleição anterior, este era o representante que combateria o comunismo que continuava se instalando no país e que Getúlio Vargas e, principalmente Café Filho que “Na quartelada vermelha de 1935, Café Filho, por detraz dos bastidores, atçou os salineiros de Macau e Mossoró contra a ordem legal constituída”<sup>94</sup> (sic), eram parte do perigo a ser vencido com a eleição do Brigadeiro. Apesar da campanha feita pelo jornal, tanto para a eleição de Eduardo Gomes quanto para de Luiz Compagnoni - candidato pelo PRP ao cargo de Deputado Federal - o primeiro foi novamente derrotado e o segundo ficando apenas com a primeira suplência.

Terminado o pleito e com resultado que não do agrado de nosso personagem, logo teceria seus comentários sob “Observações sobre o pleito de três de Outubro”<sup>95</sup>, mas desta vez não mais em página exclusiva do Diretório Municipal do PRP, mas sim como um artigo assinado por ele nas páginas do jornal. Para Compagnoni “As eleições de 3 de outubro mostraram uma tendência para o socialismo”<sup>96</sup> (sic) e, na crítica que faz aos eleitores - para Luiz Compagnoni, Vargas havia sido eleito em função de as pessoas crerem mais no Estado do que nas iniciativas particulares - compara a situação do Estado ao período de decadência do Império Romano. Neste sentido “(...) quem se der o trabalho de ler a História Romana, principalmente no período da decadência, encontrará esta tendência do Homem tudo entregar ao Estado, personificado na figura do Imperador”<sup>97</sup> e, os que delegam este domínio ao Estado

---

<sup>93</sup> Ibidem.

<sup>94</sup> Jornal Pioneiro 30/09/1950.

<sup>95</sup> Jornal Pioneiro 11/11/1950.

<sup>96</sup> Ibidem.

<sup>97</sup> Ibidem.

“(…) quer é pão e circo”<sup>98</sup>. Novamente, o uso de metáforas em seu discurso é bastante evidente e “quando significamos algo por meio de uma metáfora e não de outra estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra, o que sugere filiação à uma maneira particular de representar aspectos do mundo e de identificá-lo” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 241).

Na construção de realidade produzida por Luiz Compagnoni, com as metáforas utilizadas através do Império Romano, a decadência trazida pela contemporaneidade e propalada recorrentemente pelos discursos integralistas fica bastante clara.

Foi, precisamente, neste período [decadência do Império], que outros povos, mais vigorosos, mais austera e rudemente educados, invadiram e destruíram o quasi milenar Império Romano. E destruíram, porque as virtudes fundamentais daquele povo haviam sido liquidadas previamente pelo relaxamento dos costumes, pelo jogo, pelos espetáculos públicos, pela ansia de prazer. (...) Hoje, a tendência do Homem entregar seus direitos ao Estado, chama-se socialismo. (...) <sup>99</sup> (sic)

Em sua construção discursiva, então, a decadência cultural e moral de uma sociedade leva sua população a entregar suas liberdades na mão do Estado e esse processo, atualmente, é o socialismo que está tomando conta de todo o mundo. Discurso esse que, através de suas metáforas, parte de pressuposições individuais - como o socialismo no Império Romano ou o fato de a decadência cultural ter permitido a invasão dessa “cultura milenar” - e as torna universais para legitimação do escrito pelo próprio autor.

“Socialismo quer dizer burocracia em larga escala!”<sup>100</sup> é título de outro artigo assinado por Luiz Compagnoni e que usa as eleições da Austrália e da Nova Zelândia para construção de seu discurso.

Lá, como aqui, os adeptos do socialismo agem num só e mesmo sentido, aplicando métodos idênticos de ação. Infelizmente, para nós, e felizmente os neozelandeses e australianos, lá foi sacudido o socialismo e aqui está ele em plena marcha. (...) No Brasil, há muitos anos que vivemos num regime de intervenção estatal em inúmeros setores (...) O caso da Austrália e da Nova Zelândia deve estar bem presente a todos quantos acreditam que o Estado seja capaz de fazer a felicidade dos cidadãos. O rotundo fracasso do socialismo australiano e neozelandês está a gritar aos nossos estadistas que sofriem um pouco esta tendência socializante, tão na moda nos dias que passam, por que ela leva ao empobrecimento e é incapaz de dar aquela felicidade demagogicamente prometida ao povo.<sup>101</sup> (sic)

Para Giddens (1991) a globalização é o aprofundamento das relações sociais em níveis globais onde as relações situadas localmente são modificadas por acontecimentos distantes e

---

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> Jornal Pioneiro 11/11/1950.

<sup>100</sup> Jornal Pioneiro 23/12/1950.

<sup>101</sup> Ibidem.

vice versa e, em um período de definição de como se daria a reorganização pós Segunda Guerra Mundial e as divisões ideológicas da Guerra Fria, Compagnoni faz o uso discursivo de adequar acontecimentos distantes - outro continente, como no caso citado - para delimitar seu posicionamento frente ao contexto. O combate ao socialismo - ao que Luiz Alexandre Compagnoni entendia como sendo, ao menos - na Oceania é bem recebido e mobilizado como exemplo para o combate do socialismo em terras brasileiras.

Um último artigo assinado por Compagnoni em 1950 tem o título “‘Eficiência’ da Ação do Estado”<sup>102</sup>. A maior parte desta faz uma dura crítica ao fato de, segundo o autor, os valores retirados dos trabalhadores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul para sua Caixa de Aposentadoria e Pensões serem desviados para outras funções, em consequência de falhas do Estado. Se o fato for real a crítica é válida, mas não é isso que nos propomos a analisar. Após apresentar o fato e culpar o Estado brasileiro que, como já vimos em outras oportunidades, para ele, é ineficiente, corrupto, decadente, o autor retorna para a tradicional crítica dos rumos que a contemporaneidade está tomando.

Assim não é possível continuar. O povo, positivamente, vive num desencanto verdadeiramente indescritível. Ninguém acredita em mais nada do que o Poder Público estadual ou federal empreende. E marchamos para o socialismo e para o comunismo, onde todos trabalham para o Estado, que é o único patrão. (...) É necessário que o Estado volte para suas funções naturais. (...).<sup>103</sup> (sic)

O espectro do comunismo segue rondando os discursos integralistas com força considerável na década de 1950 e as pressuposições discursivas são uma constante. O Estado teria “funções naturais”? Quais seriam elas? Já teriam ocorrido e como seria este retorno?

Apresentados os artigos que trabalhamos e as análises que foram feitas a partir deles, encerramos esta parte e passamos para as conclusões parciais que temos a partir da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia usada nos permitiu analisar com mais cuidado o discurso empregado por Compagnoni nesses pouco mais de dois anos analisados de circulação do jornal *O Pioneiro*, do qual fora um importante personagem na fundação e idealização do impresso. A ligação do personagem à AIB - em período anterior a fundação - e a possível participação de integralistas no jornal a partir de 1948, colocada em contraste com a afirmação de que o mesmo foi

organizado com objetivos políticos e dentro de uma organização partidária do Partido de Representação Popular, mas por conveniência comercial e até por conveniência jornalística e para evitar que ele fosse apenas um jornal representativo

---

<sup>102</sup> Jornal Pioneiro 30/12/1950.

<sup>103</sup> Ibidem.

de uma determinada facção política, procurou-se dar à ele uma feição de independência (MARCON apud POZENATO; GIRON, 2004, p. 115)

Nos colocou frente ao questionamento de se realmente essa tentativa de dar independência ao impresso foi efetiva.

Após definirmos uma matriz discursiva empregada por Compagnoni e por parte dos integralistas na década de 1930 - em função de limitações não nos foi possível abordar o impresso como um todo, por isso a opção de focar em seu principal fundador - comparamos os artigos assinados por este, entre 1948 e 1950, com os anteriores, o que nos permitiu notar possíveis rupturas e permanências nos discursos empregados.

O antiliberalismo é presente no discurso de Compagnoni ainda na década de 1940, mas ressalvas são necessárias para compreensão de como se apresenta. Em função da conjuntura em que o Partido de Representação Popular se estabeleceu, onde mesmo com a permanência de traços autoritários do estado novo, a organização do Estado se pretendia a ser minimamente democrática, os ataques ao liberalismo passaram por uma revisão discursiva, mas não deixaram de existir.

Recorrente no discurso empregado são as pressuposições feitas por Compagnoni em seus artigos, sendo estas alguns pontos que são mobilizados para definir seus posicionamentos a partir de algumas verdades tidas como definidas e inquestionáveis - como o fato de o país estar rumando para o socialismo - aos que “consumem” essa ideologia integralista. Sobre este ponto “[a ideologia] varia singularmente segundo os diferentes tipos de organização, mas em todos os casos, ela constitui um sistema de crenças compartilhado por todos os que dizem pertencer ao partido, sejam eles militantes, membros ou simplesmente eleitores.” (BERSTEIN, 1996, p.86) fazendo sentido, assim, partir de pressupostos já constituídos ideologicamente e que são tidos como pontos pacífico.

A articulação feita pelo movimento integralista deste período é interessante, a partir de seu conceito de democracia defensiva (Calil, 2005), excludente, autoritária e bastante regressiva, permitia que não se opusessem abertamente à democracia liberal, mas que questionasse constantemente seus princípios, principalmente os ligados ao direito da população que se mobilizava para participar dos processos políticos do período. A utilização de uma oposição que separava o povo das massas, aquele parte de uma elite reduzida e pensante e esta uma maioria sem educação e que precisava ser guiada pelo espiritualismo cristão, permitia minar parte considerável do que propunha o regime liberal da época.

A perspectiva de uma salvação da sociedade que passasse somente pelo rumo adotado pelo integralismo é ponto forte da construção da ideologia integralista desde sua formação e

continua sendo mobilizada pelos membros do PRP em a partir de 1945. Os problemas trazidos pela contemporaneidade são inúmeros, o materialismo está em todos os ambientes e prejudicando os mais diversos aspectos da sociedade e a saída possível, a salvação plausível, é exclusividade do espiritualismo trazido pelo integralismo e nada além dele.

Luiz Alexandre Compagnoni segue sendo personagem importante para o movimento integralista regional e isso pode ser percebido através da imprensa. Enquanto membro d'*O Bandeirante*, notas sobre a expansão do movimento o colocam como personagem que participa da criação de novos núcleos no estado. Já filiado ao PRP, após fundação d'*O Pioneiro*, constantemente aparece em notas que falam da expansão e fundação de novos diretórios do partido, algumas vezes acompanhando o presidente do partido e, o fato de ter sido candidato pela legenda em diferentes eleições - sendo inclusive eleito - reafirma nossa hipótese de importância do personagem.

O anticomunismo é traço permanente dos discursos de Compagnoni e dos integralistas como um todo, inclusive após o período que nos propomos a analisar. Foi base constitutiva da formação da ideologia integralista nos primeiros passos de Plínio Salgado enquanto gestando a ideologia e segue sendo o principal motivador do discurso empregado por Compagnoni. As mais diversas críticas feitas trazem o socialismo/comunismo/materialismo como causa, além de trazer como evidente que os “tentáculos” do comunismo ateu soviético estão se espalhando por todo o mundo. A contraposição ao comunismo é motivada pelo fato de este que segue na tentativa - em alguns casos já efetivado - de dominação do mundo. Dominação essa imposta através da disputa entre o “bem e o mal”, representados nesse caso como uma luta entre o “Espiritualismo X Materialismo” e que baseia a construção do integralismo.

A relação entre os discursos integralistas e o da ala mais conservadora da Igreja Católica é bastante evidente, além de emprestar parte considerável do discurso estabelecido pelos Papas Leão XIII e Pio XI, que tinha a intenção de afastar os bons fiéis do materialismo, as ligações entre igreja e movimento integralista foram além dos paralelos discursivos. A defesa de uma democracia cristã, em combate a todas as outras forças que não tivessem como base o espiritualismo cristão, protegia o PRP de críticas e acusações de relações com os movimentos nazifascistas europeus, ademais, não raro encontramos defesas abertamente feitas por membros do alto clero regional aos preceitos do integralismo.

Plínio Salgado é figura marcante no impresso. O Chefe Nacional dos tempos da AIB, assim que retorna do exílio, assume como presidente do PRP e reforma seus estatutos aprofundando sua centralidade e hierarquia ao movimento, não por acaso, nas mãos de Salgado. Presente na imensa maioria das publicações dos impressos e revistas integralistas,

após a fundação do *Pioneiro* deixa sua marca também na imprensa regional. Por vezes através de fotografia, outras pequenas notas, alguns artigos exclusivamente para o *Pioneiro* e outros reimpressos de outros títulos, Plínio Salgado era constantemente referenciado como grande pensador e exemplo a ser seguido pelos cidadãos.

O corporativismo, após a derrota do Eixo na II Guerra Mundial, se tornou um ponto complicado para a ideologia integralista. Passa, pelo menos até 1950, a estar em segundo plano nos escritos de Compagnoni. Em momento algum o corporativismo é posto em questão ou negado, mas não mais abertamente defendido, vez ou outra a defesa da organização dos trabalhadores para com seus congêneres ruma para a defesa de um estado organizado em corporações - inclusive previsto na carta de princípios do movimento - mas a defesa deste ponto é bastante relativizada neste primeiro momento de rearticulação do movimento.

O antissemitismo é outra pauta complexa de ser defendida após o fim da segunda grande guerra. Bastante presente na década de 1930, principalmente a partir de Gustavo Barroso, o ódio aos judeus passou por uma diminuição de intensidade no discurso integralista do período analisado e não se fez presente nos artigos de Compagnoni. Entretanto, se não se faz presente nos escritos de nosso personagem, o mesmo não é aplicável ao *Pioneiro* como um todo, já a partir de 1950 alguns artigos trazem em si trechos retirados do Protocolo dos Sábios de Sião<sup>104</sup>, e, se tivermos em mente que Compagnoni era um dos principais articuladores pela circulação dos jornais, a simples aceitação desse tipo de material apresenta novas perguntas ao impresso.

Frente ao apresentado e com o auxílio da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso Crítica utilizadas no tratamento de nossas fontes, confirmamos a hipótese de que o discurso integralista continua presente no impresso analisado, principalmente a partir dos artigos de Luiz Alexandre Compagnoni, o principal fundador do *Pioneiro*.

A partir da confirmação da hipótese referida, novos rumos se estabelecem para pesquisas futuras: a possibilidade de o *Pioneiro* como um todo ser parte da rede de divulgação da ideologia integralista no período de sua fundação é uma dúvida que permanece. A ligação do impresso com os integralistas se resumiria a Compagnoni? O *Pioneiro* teria ligações diretas com outras lideranças integralistas, como Plínio Salgado? A defesa dos ideais integralistas seriam reforçados em período posterior no impresso, visto que a partir de 1957 o

---

<sup>104</sup> Texto falso publicado no início do século XX, na Rússia, que falava de um grande complô mundial de judeus para dominação do mundo. O texto teve sua validade negada diversas vezes, pelo menos desde a década de 1920, mas segue aparecendo até a atualidade e sendo base para toda uma variedade de ideais e atitudes antissemitas. Importante frisar que os Protocolos tiveram uma de suas edições traduzidas por Gustavo Barroso e disseminada no Brasil. Cf. Pereira (2016).

movimento passa por uma reaproximação da doutrina clássica da AIB, com vistas a mobilizar a militância?

O final da pesquisa marca, também, o fim de um ciclo importante da vida. O processo de construção e desenvolvimento do trabalho foi marcado por muitas lembranças de todo o curso, desde as primeiras disciplinas introdutórias e as primeiras correntes historiográficas estudadas, até os mais recentes acontecimentos da História do Tempo Presente. Os agradecimentos que já foram feitos no início da pesquisa, retornam agora com o fim do trabalho. Espero - agora em primeira pessoa - que de alguma forma essa pesquisa sirva como uma espécie de retribuição a tudo que o curso e, principalmente, os professores que o compõe, fizeram por mim. Esse trabalho é tanto meu quanto de vocês e, cada passo dele, tem uma parte de vocês.

#### 4. REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70 Lda/almedina Brasil, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. A Nouvelle Histoire e os Annales: entre continuidades e rupturas. **Revista de História (UFBA)**, Salvador, v. 5, n. 1-2, p. 308-340, 2013.
- BERNSTEIN, Serge. **Os partidos**. In. RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 1996.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1992.
- CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento**. 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.
- CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o prp entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa**. 2005. 819 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História, Uff/unioeste, Niterói, 2005.
- CALIL, Gilberto. Partido de Representação Popular: estrutura interna e inserção eleitoral (1945-1965). **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5, p. 351-382, jan-jul. 2011.
- CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)**. 2010. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas - FGV, Rio de Janeiro, 2010.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.
- FAIRCLHOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Unb, 2001.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FLACH, Ângela; CARDOSO, Claudira do S. C.. **O sistema partidário: a redemocratização (1945-64)**. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral); GERTZ, René (Direção).

**República:** da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. - v.4 - (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. **Agricultura:** da associação à modernização. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral); GERTZ, René (Direção). **República:** da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. - v.4 - (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LIA, Cristine Fortes. História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens. **Aedós**, Porto Alegre, v. 4, n. 11, p. 549-563, set. 2012.

MAGALHÃES, Célia M. (org.). **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso.** Belo Horizonte: Fale/UFGM, 2001.

MENEGUELLO, Cristina. Continuidade e Ruptura. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **Dicionário de Ensino de História.** Rio de Janeiro: Fgv Editora, 2019. p. 59-65.

MESSADIÉ, Gérald. **História Geral do anti-semitismo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o Perigo Vermelho:** o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. 346 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Econômica, USP, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 118-138, jan. 2010.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937).** 2009. 388 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

PEREIRA, Israel Vieira. **Análise discursiva do funcionamento do boato:** um gênero (im)possível?. 2016. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, 2016

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997.** Caxias do Sul: Educus, 2004.

REMOND, René (org.). **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 1996.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VARGAS, Fundação Getúlio. **João Becker.** Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/becker-joao>. Acesso em: 07 dez. 2020.

VARGAS, Fundação Getúlio. **Luís Alexandre Compagnoni.** Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/compagnoni-luis-alexandre>. Acesso em: 07 dez. 2020.

XIII, Papa Leão. **Rerum Novarum.** 1891. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html). Acesso em: 20 nov. 2020.

XI, Papa Pio. **Quadragesimo Anno.** 1931. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310515\\_quadragésimo-anno.html](http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragésimo-anno.html). Acesso em: 20 nov. 2020.

## 5. ANEXOS

1- Tabulação feita a partir das edições do *Pioneiro* entre 1948 e 1950. Os dias não aparecem por completo em função da quantidade alta que impossibilitou a apresentação nas células.

Assunto	1948		1949		1950	
	Data	Quantidade total	Data	Quantidade total	Data	Quantidade total
Colonização/colono/agricultura/vinho	11/11, 30/12	2	06/01, 13/01, 20/01	32	07/01, 28/01, 4/02	18
Brasil desorganizado/decadente/corrupto/política	18/11, 02/12	2	26.1/02, 12.2/03	11	09/03, 24/06, 09/07	4
Igreja/religiosidade	25/11, 09.1/12	2	11.1/06	1		
Integralismo/PRP/política			12.1/03, 15/10	2	04/02, 18.1/02, 18.2/02	16
Eventos sociais	02/12, 09/12, 30.1/12, 31/12	4	06.2/01*, 12.1/01	6	10/03, 13/03, 16/03	7
Comunismo			06.1/01, 26.1/03	3	29/07, 11/11, 30/11	3
Variados			26/02, 19/03, 07/04	10	14/01, 27/02, 04/03	4